

Perceção de Discriminação e Satisfação com a Vida: O papel mediador da Identificação com o Grupo e da Atitude Face à Ação Coletiva

Alexandra Vanessa Amândio Coelho Cosmelli Guerra

Mestrado em Psicologia Social e Organizacional

Orientador:

Doutor Ricardo Borges Rodrigues, Professor Auxiliar

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2024

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Perceção de Discriminação e Satisfação com a Vida: O papel
mediador da Identificação com o Grupo e da Atitude Face à
Ação Coletiva

Alexandra Vanessa Amândio Coelho Cosmelli Guerra

Mestrado em Psicologia Social e Organizacional

Orientador:

Doutor Ricardo Borges Rodrigues, Professor Auxiliar

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2024

*"Quando as mulheres negras
se moveram em direção à liberdade,
elas nunca representaram apenas elas mesmas"*

Davis et al. (2023, p. 29)

Agradecimento

Esta tese é dedicada em primeiro lugar a mim, pelo meu empenho, dedicação, resiliência, por ter compilado 5 anos de aprendizado e colocado em prática ao longo desta dissertação, e ainda, por terminar o mestrado ser um dos meus sonhos nesta vida: ser psicóloga! Por isso agradeço a mim por todo o trabalho desenvolvido e o empenho. Sinto-me muito grata por ter chegado até aqui.

Um forte agradecimento ao meu orientador Prof. Dr. Ricardo Borges Rodrigues, pois sem o seu apoio nada disto teria sido possível. Agradeço por: o acompanhamento constante, a paciência, a disponibilidade, a empatia e conhecimento que partilhou comigo ao longo deste percurso. Agradeço ainda por acreditar sempre em mim e por pelo reforço positivo, foi um excelente pilar para manter-me motivada e no caminho certo para completar a tese. Gratidão por tudo professor Ricardo.

Esta tese é dedicada à comunidade. Agradeço muito a todos os que responderam ao meu questionário da dissertação, a todas as pessoas que o partilharam com amigos, a todos os meus amigos e familiares que responderam e partilharam. Agradeço inclusive aos coletivos que também responderam e partilharam, tais como: Samane Portugal, SOS Racismo, Mulheres Negras Escurecidas entre outros.

Dedico à minha família: (1) aos meus filhos, a Sãozinha e o Sandro por saberem que os amo apesar de alguma ausência, por me permitirem estudar, mesmo nos dias em que precisavam de mais atenção e por serem a minha bússola nos momentos de maior fragilidade. Sou grata por ti filho, por teres atitudes tão responsáveis e por seres que més com o teu amor e tranquilidade. Sou grata por ti filha por seres amor e alegria; (2) ao meu marido Emanuel Paz, pelo companheirismo, por cuidar tão bem da nossa família; (3) aos meus pais, Anabela e Zé Tó que estão sempre presentes com o seu cuidar e paciência; (4) aos meus irmãos Edson, Olavo e Celso por me apoiarem sempre que necessário e irmãs Cheila e Diana, também académicas, por todo o carinho, compreensão, amor e as conversas que me ajudam a tomar consciência das situações e acima de tudo, de nunca esquecer quem eu sou e do que sou capaz; (5) e aos meus avós, avó Graça e avô Alexandrino por orarem por mim e serem fonte de inspiração no que respeita ao mundo académico e à vida. Acrescento ainda gratidão ao meu tio Bick, com o seu apoio incondicional e carinho. Muito grata a todos, de coração.

Queria ainda deixar uma palavra de grande agradecimento a todos os professores que conheci e com quem tive a oportunidade de aprender muito ao longo destes cinco anos. Em especial às professoras Marília Prada, Cecília Aguiar e ao professor Sven Waldzus.

Em suma, esta tese é dedicada especialmente a mim porque apesar das adversidades, nunca desisti do meu sonho. Ao meu orientador, à comunidade racializada, aos meus familiares e amigos. Muito grata a todos!

Resumo

Racismo é um problema atual na nossa sociedade, por isso é importante investigar (Casquilho-Martins et al., 2022; Vala et al., 2015; Vandiver, 2020). Pessoas racializadas têm maior dificuldade em ter acesso a habitação, emprego, saúde, educação (European Commission, 2020b), apresentam menores níveis de bem-estar físico e psicológico (Jetten et al., 2017). De acordo com modelo de identificação-rejeição (Branscombe et al., 1999) pretendemos compreender se quando existem níveis mais elevados de perceção de discriminação racial o grau de satisfação com a vida diminui, e como esta relação se altera se a identificação grupal e a atitude face à ação coletiva forem mediadoras, quando as variáveis idade e nível socioeconómico estão controladas. Num estudo quantitativo, com aplicação de questionário online, $N = 166$, que se autoidentificam como negros, 53% destes nascidos em Portugal e os restantes de países africanos, com uma amostra considerada escolarizada (30.7% com licenciatura completa) e com o nível socioeconómico médio ($M = 5.6\%$, $DP = 1.58$), testámos sete hipóteses. Testes estatísticos utilizados: uma regressão linear múltipla do PROCESS (Hayes, 2022), uma mediação em cadeia. Os resultados não foram estatisticamente significativos para a relação entre perceção de discriminação racial e satisfação com a vida, nem para as hipóteses de mediação. No entanto suportaram: a H3 A identificação grupal está positivamente associada à satisfação com a vida e a H5 A perceção de discriminação está positivamente associada à atitude face à ação coletiva. Estudos futuros seria importante analisar a desejabilidade social, porque apresentam níveis baixos de perceção de discriminação.

Palavras-chave: perceção de discriminação racial, atitude face à ação coletiva, luta antirracista, satisfação com a vida, identificação grupal, racismo

Códigos de classificação da APA:

3000 Psicologia Social

3020 Processos Interpessoais e de Grupo

3040 Perceção Social e Cognição

Abstract

Racism is a current problem in our society, so it is important to investigate (Casquilho-Martins et al., 2022; Vala et al., 2015; Vandiver, 2020). Racialised people find it more difficult to access housing, employment, health and education (European Commission, 2020b) and have lower levels of physical and psychological well-being (Jetten et al, 2017). According to the identification-rejection model (Branscombe et al., 1999), we want to understand whether when there are higher levels of perceived racial discrimination, the degree of life satisfaction decreases and how this relationship changes if group identification and attitude towards collective action are mediators, when the variables age and socioeconomic status are controlled. In a quantitative study, using an online questionnaire, $N = 166$, who self-identify as black, 53% of whom were born in Portugal and the rest in African countries, with a sample considered to be educated (30.7% with a full degree) and with an average socio-economic level ($M = 5.6\%$, $SD = 1.58$), we tested seven hypotheses. Statistical tests used: PROCESS multiple linear regression (Hayes, 2022), chain mediation. The results were not statistically significant for the relationship between perceived racial discrimination and life satisfaction, nor for the mediation hypotheses. However, they did support: H3 - Group identification is positively associated with life satisfaction and H5 - Perceived discrimination is positively associated with attitude towards collective action. In future studies, it would be important to analyse social desirability, because they have low levels of perceived discrimination.

Keywords: perceived racial discrimination, attitude towards collective action, anti-racist struggle, life satisfaction, group identification, racism

APA Classification Codes:

3000 Social Psychology

3020 Group and Interpersonal Processes

3040 Social Perception and Cognition

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Revisão de Literatura	5
1.1. Prevalência do Racismo nas Sociedades Ocidentais Contemporâneas	5
1.2. Consequências do Racismo	6
1.2.1. Percepção de Discriminação Racial e Satisfação com a Vida	6
1.3. Mecanismos Protetores dos Efeitos do Racismo na Satisfação com a Vida	7
1.3.1. Identificação Grupal – Modelo De Rejeição-Identificação	8
1.3.2. Atitude Face à Ação Coletiva	10
1.3.3. Preditores da Ação Coletiva	11
1.4. Presente estudo: Objetivo, Hipóteses e Modelo	12
Capítulo 2. Método	15
2.1.Participantes	15
2.2. Instrumentos e Medidas	16
2.2.1. Demográficas	16
2.2.2. Percepção de Discriminação Racial	17
2.2.3. Satisfação com a Vida	18
2.2.4. Identificação Grupal	18
2.2.5. Atitude Face à Ação Coletiva	19
2.2.6. Covariáveis controladas	20
2.3. Procedimento	20
2.3.1. Recolha de Dados	20
2.3.2. Análise de Dados	21
Capítulo 3. Resultados	23
3.1. Estatísticas Descritivas e Correlações entre as Variáveis	23
3.2. Modelo de Mediação em Cadeia	26
Capítulo 4. Discussão	31
4.1. Limitações e Investigação Futura	31
4.2. Implicações Sociais e Conclusão	33
Referências Bibliográficas	37
Anexos	43

Índice de Figuras

Figura 1. - Desenho do Modelo do Estudo	14
Figura 2. - Estimativas não estandardizadas dos parâmetros do modelo de equações estruturais hipotetizado, quando o mediador Identificação Grupal é a dimensão Autoinvestimento: modelo de mediação parcial	30
Figura 3. - Estimativas não estandardizadas dos parâmetros do modelo de equações estruturais hipotetizado, quando o mediador Identificação Grupal é a dimensão Autodefinição: modelo de mediação parcial	30

Índice de Tabelas

Tabela 1. - Estatística Descritiva, Intercorrelações entre as Variáveis e Consistências Internas das Medidas Utilizadas	25
Tabela 2. - Resultados de Regressão para a Mediação em Cadeia com a dimensão Autoinvestimento	28
Tabela 3. - Resultados de Regressão para a Mediação em Cadeia com a dimensão Autodefinição	29

Introdução

“A justiça é indivisível. A injustiça em qualquer lugar do mundo é uma ameaça à justiça em todo o mundo” (DAVIS, 2018, p. 117).

Há racismo em Portugal? Qual o impacto da percepção de discriminação racial na satisfação com a vida das pessoas negras? Quais os mecanismos protetores do racismo? O objetivo desta investigação é compreender qual a percepção da comunidade negra relativa à discriminação racial em Portugal, como essa percepção influencia a sua satisfação com a vida e em que medida a identificação grupal e a ação coletiva funcionam como mediadores dessa relação.

“O racismo prejudica a sociedade de múltiplas formas. Mais diretamente, significa que um grande número de pessoas que vivem na Europa são vítimas de discriminação, pondo em causa a sua dignidade humana, oportunidades de vida, prosperidade e bem-estar, assim como, amiúde, a sua própria segurança pessoal.” (Comissão Europeia, 2020, p. 1). O racismo é um problema estrutural, social e presente nas sociedades ocidentais democráticas contemporâneas (Vala, 2021). Tem implicações em praticamente todas as áreas da vida das pessoas racializadas, no acesso e manutenção a: emprego, habitação, saúde, educação, justiça, bens, serviços, financiamento e na manutenção da sua integridade física (Comissão Europeia, 2020; Vala, 2021).

O racismo tem-se demonstrado camaleónico. Inicialmente com base na biologia, que no culminar da II Guerra Mundial deixou de ser legitimada e adaptou-se, alicerçando-se no racismo cultural (Vala, 2021). Como um vírus, ele adapta-se e sobrevive, através do ambiente sociopolítico existente. A história mostra-nos que quando vemos um aumento no número de líderes políticos de extrema-direita, no ocidente, com discursos de ódio e com uma agenda concreta relacionada com a imigração, rapidamente os outros países ocidentais, e Portugal não é exceção, seguem o mesmo percurso (Vala, 2021), o que por sua vez poderá dar origem a uma legitimação de atitudes racistas e a um aumento da normalização da discriminação e do racismo.

Em Portugal, nos últimos cinco anos houve um aumento do número de crimes motivados por ódio racial. O racismo tem matado! Matou Giovanni Rodrigues, estudante negro, que em 2019, em Bragança, foi agredido e assassinado numa rixa entre grupos (Costa-Lopes, 2024); Bruno Candé, que em 2020, numa rua de Lisboa, foi assassinado com três tiros, por ser negro (Reis, 2023); Ademir Araújo Moreno, cabo-verdiano, de quarenta e nove anos, espancado e assassinado nos Açores, em março de 2024 (Costa-Lopes, 2024); e ainda matou Odair Moniz, pai e cozinheiro, de 43 anos, na Cova da

Moura, que em outubro de 2024 foi assassinado pela polícia, com dois tiros no tronco, porque alegadamente estava em fuga num carro roubado e ameaçou os agentes com uma arma branca, posteriormente a investigação apurou que a vítima era proprietária do veículo e que não estaria de arma em punho (Pereira, 2024). O caso de Cláudia Simões, que em início de 2020, por uma desavença num autocarro, foi brutalmente agredida por um agente da polícia. Segundo Vala (2021), este é um caso concreto da legitimação da discriminação racial por parte da justiça. Deu-se inclusive um crescimento da extrema-direita (Costa-Lopes, 2024), com atualmente 50 deputados no parlamento e discursos de ódio proferidos frequentemente pelos seus dirigentes.

De acordo com Costa-Lopes (2024), os dados estatísticos são importantes de forma a podermos olhar para a sociedade e observar dados concretos relacionados com a discriminação racial e os crimes advindos dessa motivação, para chegar a conclusões com base em dados e não apenas no que é comunicado nos mídias. Os dados também são importantes para se perceber onde estão os negros em Portugal: nas escolas, em instituições de reeducação, faculdades, prisões, empregados ou desempregados, e onde estão empregados. Até ao momento, não existe consenso para a realização da recolha de dados étnico-raciais nos Censos (Delgado et al. 2019 in Grupo de Trabalho Censos 2021; Henriques, 2019).

Contudo, o Instituto Nacional de Estatística (INE) realizou um inquérito piloto inovador, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente (ICOT 2023): Um Contributo para a Análise da Discriminação em Portugal (Barbio et al., 2024; Carmo, 2023; ver Figura 1), em que os dados sugerem que as pessoas percecionam racismo em Portugal.

Na perspetiva de Vandiver (2020), o racismo é visto como uma crise de saúde pública, pois prejudica amplamente a saúde dos afrodescendentes em várias áreas das suas vidas, a pandemia de covid-19 veio a demonstrar ainda mais este aspeto. Por este motivo, Vandiver (2020) defende que a investigação sobre a comunidade afrodescendente é importante para a promoção de políticas públicas em várias áreas de modo a melhorar a vida da comunidade negra e reduzir as disparidades sociais. “The psychological health of people of African descent can only get better when we work together to produce and publish such research.” (Vandiver, 2020, p. 349).

É importante salientar que nas últimas décadas surgiram vários estudos científicos que incluem a perceção de pessoas racializadas, mas é necessária mais investigação que analise o testemunho de pessoas, que se identificam como negras, em Portugal

(Casquilho-Martins et al., 2022; Vala et al., 2015; Vieira, 2023;). Estes estudos dão-nos acesso a alguns dados relativamente ao racismo em Portugal, o que por sua vez apoia na sugestão de elaboração de soluções sociais concretas. Um exemplo concreto é a SaMaNePT – Associação Saúde das Mães Negras e Racializadas em Portugal, que estuda a violência obstétrica a mulheres negras em Portugal, criou um curso com medidas concretas para a tomada de consciência e mudança deste tipo de violência às mulheres negras (Coimbra et al., 2023). Esta intervenção teórica, seguida de prática para promover a mudança, recorda a seguinte frase de um dos fundadores do Black Panther Party: “Theory was not enough, we had said. We knew we had to act to bring about change.” (Newton, 1973, p. 315). A teoria é importante e serve de ponte para a mudança social.

No que diz respeito à discriminação racial institucional, de acordo com Vala (2021), os dados indicam que as pessoas negras percecionam maiores níveis de discriminação racial por parte da polícia e por parte das escolas (Caetano, 2020; Vala, 2021), do que por parte da saúde ou dos centros de emprego. A perceção de discriminação racial tem impacto no bem-estar psicológico (Paradies, 2006a; Schmitt & Branscombe, 2002b, citados por Schmitt et al., 2014). As implicações do racismo nas diversas áreas da vida dos afrodescendentes afetam negativamente o bem-estar (Jetten et al, 2017; Sidanus & Pratto, 1999, citados por Schmitt et al., 2014; Williams et al, 2012).

De acordo com Branscombe et al. (1999, citado por Schmitt et al., 2014), o modelo de identificação-rejeição, refere que a perceção de discriminação racial tem impacto negativo na satisfação com a vida, esta perceção promove a identificação grupal o que por sua vez atua como um fator protetor e reduz o impacto negativo da discriminação racial na satisfação com a vida. A identificação grupal, com o endogrupo, no caso da discriminação racial, com o grupo de negros/afrodescendentes atua como um mecanismo protetor dos efeitos da discriminação racial (Jetten et al., 2017).

Vários autores defendem que a atitude face à ação coletiva está relacionada com o modelo de identificação-rejeição, pois ao percecionar discriminação racial e identificar-se com o endogrupo existe uma maior propensão para ter uma atitude face à ação coletiva (Abelson et al., 1998; Guimond & DubeSimard, 1983; Klandermans, 1997, citados por Branscombe et al., 1999). O que nos leva a referir que a atitude face à ação coletiva também atua como um fator protetor da satisfação com a vida.

Investigação anterior sugere que os grupos a que pertencemos têm impacto no modo como nos posicionamos na sociedade (Leach et al., 2008), e que a identificação com os

grupos de pertença, promove uma influência protetora contra os efeitos negativos da discriminação (i.e., depressão e autoestima negativa) (Ramos et al., 2012).

Atualmente em Portugal verifica-se um aumento da unidade e luta da comunidade em várias manifestações de Norte a Sul do País, em vários meses do ano. Têm surgido vários coletivos com apelos à ação coletiva, a uma atitude pró-ação coletiva, como: o “Vida Justa”, o “Consciência Negra”, o “Em Luta” e o “SOS Racismo”, em que a sua pauta é a melhoria das condições de vida de todos os trabalhadores e contra a discriminação racial.

A atitude face a ação coletiva tem levado a comunidade a lutar contra as injustiças sociais, o povo tem-se unido em: manifestações, a elaborar e assinar petições, a demonstrar apoio moral (e.g., estar junto da pessoa violentada) técnico (e.g., advogado) ou financeiro (e.g., angariar fundos). Esta ação coletiva para o combate à violência racial, quer seja agressão por parte das forças de segurança ou de outras pessoas não racializadas, trouxe impacto significativo nas lutas antirracistas. Como no caso Bruno Candé, Cláudia Simões atualmente de Odair Moniz, as manifestações em prol de uma justiça imparcial e as exigências dos coletivos antirracista foram essenciais para que seja feita justiça.

Definições claras dos conceitos relacionados com racismo e antirracismo (Kendi, 2020), uma introspeção coletiva, estudos científicos e decisores políticos justos, são relevantes passos em direção à luta contra o racismo (Vala, 2021). A lacuna que este estudo pretende preencher é relativa aos efeitos da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida da comunidade racializada em Portugal, e identificar os mecanismos protetores.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O capítulo um - Revisão de Literatura – composta pelo enquadramento teórico, o estado de arte sobre as variáveis em estudo e ainda as hipóteses e o desenho do modelo de investigação. O capítulo dois - Método - demonstra detalhadamente a metodologia empregue, seguido do capítulo três - Resultados - que apresenta os principais resultados obtidos nas análises realizadas e por fim, o capítulo quatro – Discussão – composto pelas limitações, indicações para os decisores políticos e organizações e ainda direções para estudos futuros.

CAPÍTULO 1

Revisão de Literatura

1.1. Prevalência do Racismo nas Sociedades Ocidentais Contemporâneas

De acordo com Vala (2021), racismo é uma ideologia de que “(...) a diversidade humana pode ser agrupada em raças inerentemente desiguais, em que umas têm superioridade e poder sobre outras.” (Vala, 2021, p. 15). O racismo após a II Guerra Mundial perdeu a capacidade de estar enraizado nas questões biológicas e passou a estar alicerçado no racismo cultural, que é visto como uma hierarquização cultural, onde uma cultura e determinado povo, não branco, é visto como inferior por ter uma cultura diferente (Vala, 2021).

“Defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não o é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas.” (Fanon, 1952, p. 85)”. Esta citação é pertinente, pois vários países europeus ainda têm uma tendência para se considerarem “menos racistas do que” outros países da Europa, e.g., a França (Fanon, 1952); restantes países europeus e especificamente Portugal (Vala, 2021), que se considera um país não tão racista e se recorda como um bom colonizador (Vala, 2021). No entanto, os dados apresentados por Costa-Lopes (2024), sugerem que um elevado número de indivíduos detém crenças racistas que apoiam a redução do número imigrantes em Portugal. A verdade é que pouco racismo, é racismo, e só identificando o problema e assumindo que ele existe, conseguimos não compactuar com este e definir estratégias claras para a sua resolução.

No inquérito piloto do Instituto Nacional de Estatística (INE), Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente (ICOT 2023): Um Contributo para a Análise da Discriminação em Portugal (Barbio et al., 2024; Carmo, 2023; ver Figura 1), são apresentados os seguintes dados: “Quase dois terços das pessoas consideram existir discriminação em Portugal e cerca de um terço já testemunhou situações de discriminação. (...) quando questionadas acerca da perceção relativamente à existência de discriminação em Portugal, verifica-se que quase cinco milhões de pessoas (65,1%) referem existir situações de discriminação no país. Na discriminação percebida destacam-se os seguintes fatores: grupo étnico (82,6%), cor da pele (79,7%), orientação sexual (71,5%) e território de origem (69,6%).” (INE – Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023, p.27). O que demonstra que a maior parte dos respondentes perceciona discriminação racial em Portugal em que os fatores como o grupo étnico e a cor da pele são os mais salientes.

As pessoas racializadas estão sujeitas a discriminação em várias áreas importantes da sua vida, tais como: educação, emprego, habitação, saúde e sistema judicial, o que por sua vez impacta o seu bem-estar geral (Comissão Europeia, 2020; Sidanus and Pratto, 1999, citados por Schmitt et al., 2014; Vala 2021).

De acordo com Vala (2021), antirracismo são todas as crenças, atitudes ou políticas que têm como propósito destruir o racismo e as suas consequências na sociedade.

1.2. Consequências do Racismo

1.2.1. Percepção de Discriminação Racial e Satisfação com a Vida

Quando existe percepção de discriminação, quer seja objetivamente ou subjetivamente, estudos anteriores sugerem que existe um impacto no bem-estar psicológico (Paradies, 2006a; Schmitt and Branscombe, 2002b, citados por Schmitt et al., 2014).

A discriminação percebida, de que a pessoa racializada ou um grupo específico de pessoas racializadas são tidas pela sociedade como desprezíveis e inaptas, ameaça a autoestima e o autoconceito, componentes importantes do bem-estar psicológico (Verkuyten, 1998, citado por Schmitt et al., 2014).

A discriminação sistémica acontece muitas vezes e em diferentes contextos. Este tipo de discriminação, percebida como sistémica, que abrange vários sistemas da sociedade, está enraizada no sistema e mantém as desigualdades sociais, tem um impacto negativo no bem-estar, pois as pessoas racializadas sentem-se como excluídas da sociedade, apenas por serem negras (Schmitt and Branscombe, 2002b; Schmitt et al., 2003, citados por Schmitt et al., 2014).

De acordo com Goffman (1963, citado por Schmitt et al., 2014) o autoconceito manifesta-se através das nossas interações com os outros, por isso as opiniões externas são consideradas importantes e têm influência em nós e na nossa identidade. Deste modo, a pessoa racializada acaba por lidar com uma “identidade estragada, estragada pela avaliação dos outros” (Goffman, 1963, citado por Schmitt et al., 2014, p. 22).

De acordo com alguns autores, a percepção de discriminação promove a rejeição, da pessoa racializada ou do grupo racializado na sociedade (Schmitt et al., 2014). Esta percepção pode impactar a saúde a vários níveis, mental e físico (Pascoe and Richman, 2009, citados por Schmitt et al., 2014). Alguns exemplos deste impacto: (i) pode dar origem ao aumento da rejeição da identidade de grupo, por esta identidade de grupo ser vista como negativa ao invés de uma identidade de grupo valorizada e aceite pela sociedade, nestes casos é visto como um grupo ostracizado (Tajfel and Turner, 1979,

citados por Schmitt et al., 2014); (ii) pode colocar em risco a necessidade humana de aceitação, de inclusão (Baumeister and Leary, 1995; Wirth and Williams, 2009 citados por Schmitt et al., 2014); (iii) pode criar sentimentos de cansaço emocional e mental (e.g., ansiedade, tristeza) e falta de esperança (Verkuyten, 1998, citado por Schmitt et al., 2014); (iv) potencializar o aumento do stress e de comportamentos não saudáveis (Pascoe and Richman, 2009, citado por Schmitt et al., 2014); (v) poderá afetar negativamente a satisfação com a vida (Koomen and Frankel, 1992, citados por Verkuyten, 1998) e (vi) tem efeitos negativos no bem-estar psicológico geral (Paradies, 2006b; Pascoe and Richman, 2009; Williams et al., 2003; citados por Schmitt et al., 2014).

A percepção de discriminação tem efeito no bem-estar e consequentemente na satisfação com a vida, que acaba por ser uma das operacionalizações do bem-estar (Kessler et al., 1999, citados por Schmitt et al., 2014).

Na investigação de Schmitt et al. (2014), os dados sugerem que a discriminação percebida está mais fortemente relacionada com resultados negativos (e.g., stress psicológico e ansiedade) do que positivos (e.g., satisfação com a vida e autoestima).

No entanto, de acordo com Jetten et al. (2011, citados por Schmitt et al., 2014), existem desvantagens e vantagens nos efeitos da discriminação percebida, por um lado o impacto no bem-estar psicológico, por outro, essa percepção dá origem à identificação grupal e à associação a uma mudança coletiva.

Vários estudos sugerem que existem efeitos positivos e negativos da discriminação percebida (Haslam, 2010; Pascoe and Richman 2009, citados por Schmitt et al., 2014).

Schmitt et al. (2014) sustentam a teoria de que por um lado a percepção de discriminação tem um impacto negativo no bem-estar psicológico, por outro tem consequências positivas, principalmente em minorias étnicas, que são considerados grupos em desvantagens, onde a discriminação faz parte da experiência de vida, é uma experiência real e constante. Uma postura de negação e de desvalorização de percepção de racismo pode trazer alguns efeitos positivos ao bem-estar psicológico, no entanto, não traz resultados em termos efetivos, para potenciar a mudança e de resolução do problema. A percepção de discriminação racial é fundamental para: (a) “escolher estratégias de coping eficazes” (Schmitt et al. 2014, p. 937); (b) auxiliar as pessoas a evitar situações onde elas poderiam ser maltratadas (Miller et al., 1995, citados por Schmitt et al. 2014); (c) compreender que determinados resultados podem ser decididos pela discriminação e não pela falta de habilidade ou de competência da pessoa discriminada (Major et al., 2002, citados por Schmitt et al. 2014).

O bem-estar subjetivo abrange o bem-estar psicológico e a satisfação com a vida. Estudos sobre o bem-estar subjetivo aumentaram a partir de 1980, com o objetivo de criar uma teoria para a avaliação subjetiva, para compreender a satisfação com a vida (Diener et al., 1995, citados por Oliveira et al., 2024). “Esta definição abarca uma dimensão cognitiva, que diz respeito à satisfação global com a própria vida, e uma dimensão afetiva, respeitante às reações emocionais a acontecimentos de vida, subdividida em afeto positivo (tendência para experienciar sentimentos e emoções agradáveis) e afeto negativo, traduzindo a tendência oposta” (Oliveira et al., 2024, p. 3).

1.3. Mecanismos Protetores dos Efeitos do Racismo na Satisfação com a Vida

1.3.1. Identificação Grupal – Modelo De Rejeição-Identificação

De acordo com Branscombe et al. (1999, citado por Schmitt et al., 2014), o modelo de identificação-rejeição defende que apesar da percepção de discriminação ter um efeito negativo no bem-estar, que tem várias formas de ser operacionalizado e uma delas é na forma de satisfação com a vida, a percepção de discriminação também desperta à identificação grupal o que por sua vez atua como um fator protetor dos efeitos da discriminação racial, ou seja, afeta positivamente o bem-estar psicológico. Dito de outra forma, o nível de identificação grupal aumenta em função da percepção de discriminação o que leva a atenuar os efeitos negativos da discriminação percebida. Funciona como uma estratégia de autoproteção (Branscombe et al., 1999).

Jetten et al., (1999) sugerem que a identificação grupal se desenvolve pela identificação da discriminação e que isso é fundamental para a promoção da ação coletiva.

De acordo com Vala e Lopes (2004), quanto maior a percepção de discriminação racial maior a identificação com o endogrupo. Investigação anterior demonstra que quanto maior o nível de identificação com o endogrupo, maior a possibilidade da pessoa se conectar com o sofrimento das pessoas do endogrupo, neste caso específico dos afrodescendentes, e ter uma atitude pró ação coletiva e apoiar na redução de sofrimento da pessoa violentada, membro do endogrupo (Waddell et al., 2024).

Já em 1999, Branscombe et al. referiram que só se pode obter mais informação sobre a componente psicológica das pessoas discriminadas quando se tem acesso à experiência subjetiva dos mesmos, e neste estudo vamos estudar a percepção de discriminação racial com pessoas negras apenas.

A percepção de discriminação de um grupo, e.g., afrodescendentes, tem efeito menos negativo na saúde psicológica do que a discriminação percebida como pessoal. Isto porque, em grupo dá-nos a percepção de não estarmos sós nesta exclusão, é todo um grupo excluído. A pessoa não se vê como só, no sentimento e na luta contra a injustiça, logo, esta discriminação percebida das pessoas com fenótipo africano, pessoas negras, dá a noção de que no coletivo a luta terá mais sucesso (Armenta and Hunt, 2009, citados por Schmitt et al., 2014).

Vários estudos sugerem que a identificação com um grupo serve de fator protetor, dotando a pessoa racializada com recursos sociais e psicológicos que auxiliam na redução dos efeitos da discriminação (Hansen and Sassenberg, 2006; Mossakowski, 2003; Romero and Roberts, 2003; Sellers et al., 2003; Wong et al., 2003, citados por Schmitt et al., 2014).

O suporte social percebido pelo grupo da identificação diminui os efeitos negativos do stress, especificamente o suporte emocional e o apoio prático do grupo ou de outros grupos em que a pessoa esteja inserida (i.e., amigos, família, colegas, uma equipa de uma atividade desportiva, associação de estudantes, etc.) atuam como um fator protetor do bem-estar aquando da discriminação percebida (Cohen and Wills, 1985, citados por Schmitt et al., 2014). Este suporte por sua vez poderá prever uma redução dos níveis de depressão (Noh and Kaspar, 2003, citados por Schmitt et al., 2014).

Alguns autores defendem que as consequências da percepção da discriminação dependem da forma como as pessoas lidam com esse acontecimento, e.g., estratégias de coping, i.e., o desenvolver de estratégias para melhor lidar com o problema (Lazarus and Folkman, 1984, citados por Schmitt et al., 2014). As estratégias que envolvem defrontar a situação stressora, com o objetivo de alterar a situação ou o ambiente em que ocorre a discriminação tem maior potencialidade de promoção de bem-estar do que comportamentos de desligamento, i.e., de distanciamento do problema (Smith et al., 2000, citados por Schmitt et al., 2014).

Estudos sugerem que a identidade social pode ser considerada um fator protetor do indivíduo, reduzindo os comportamentos de risco (e.g., comportamentos violentos) e melhorando a saúde psicológica (Arbona et al., 1999; Brook et al., 1998; Klonoff et al., 1999; Sellers et al., 2006, citados por Stathi et al., 2019).

Contudo, de acordo com Jetten et al. (2011, citados por Schmitt et al., 2014) a identificação grupal é fundamental para o bem-estar psicológico individual, mas também para o objetivo coletivo, como a participação na ação coletiva contra a opressão racial.

1.3.2. Atitude Face à Ação Coletiva

Vários autores defendem que o modelo de identificação-rejeição está conectado com a atitude face à ação coletiva, pois a percepção de discriminação, neste caso racial, que leva à identificação grupal, serve para potenciar uma mudança social motivando a participação na ação coletiva (Abelson et al., 1998; Guimond and DubeSimard, 1983; Klandermans, 1997, citados por Branscombe et al., 1999).

A ação coletiva é vista como uma resposta à percepção de discriminação, pois é uma forma de lutar contra a injustiça percebida. É uma variável que impacta a relação entre a percepção de discriminação e o bem-estar ou a satisfação com a vida (Sohi and Singh, 2015). Na classificação de ação coletiva podemos identificar duas dimensões: (i) ações normativas e (ii) ações não normativas. As normativas são as consideradas não violentas, tais como: (a) participar numa manifestação pacífica; (b) divulgar para a mobilizar as pessoas através das redes sociais; (c) assinar petições, cartas abertas ou emails sobre uma questão social; (d) participar num grupo ou organização do terceiro sector (entidades sem fins lucrativos com o objetivo de melhorar questões sociais, educacionais, ambientais ou comunitárias). As não normativas são as consideradas agressivas, como o vandalismo e manifestações não pacíficas (Tausch et al., 2011; citados por Sohi and Singh, 2015). O presente estudo aborda apenas a dimensão normativa da ação coletiva.

Alguns autores sugerem que a percepção de discriminação pode levar a emoções de raiva e a sentimentos de eficácia para a ação contra a discriminação percebida. Esta ação é a propensão para a atitude face à ação coletiva. Os resultados indicam que a emoção de raiva está positivamente relacionada com a ação coletiva normativa, pois este tipo de emoção leva o indivíduo a envolver-se com o problema, porque energiza e motiva a agir (Fridja et al., 1989; Tausch et al., 2011; Van Zomeren et al., 2004, citados por Sohi and Singh, 2015). A discriminação percebida leva à identificação grupal e é veículo de mudança para a ação, para o ativismo (Cronin et al., 2012, citados por Sohi and Singh, 2015).

O bem-estar é um estado de conforto psicológico e emocional, este por sua vez é moldado pela satisfação com a vida (Sohi and Singh, 2015). Por um lado, a investigação sugere que a ação coletiva tem um efeito negativo no bem-estar (Bergman et al., 2002, citados por Sohi and Singh, 2015). Foster (2014, citado por Sohi and Singh 2015) e Bergman et al. (2002, citados por Sohi and Singh 2015) sugerem que quando a categoria

de discriminação é estável e crónica na sociedade (e.g., género e a etnia), a associação à ação coletiva pode corresponder a uma redução do bem-estar.

Por outro lado, há investigação que suporta a teoria de que a ação coletiva tem um impacto positivo no bem-estar (Cocking and Dury, 2004; Foster, 2014, citados por Sohi and Singh, 2015; Jetten et al., 2011, citados por Schmitt et al., 2014). Existem vários benefícios associados à ação coletiva, tais como: (a) é preditora do empoderamento coletivo (Cocking and Drury, 2004; Drury and Reicher, 1999; Drury et al., 2005, citado por Sohi and Singh, 2015); (b) de bem-estar psicológico (Sohi and Singh, 2015); (c) e de bem estar-social, atenuando o efeito negativo da perceção de discriminação (Sohi and Singh, 2015); (d) qualquer atitude relacionada com a ação coletiva, com o agir para potenciar uma mudança social (e.g., assinar uma petição relacionada com um tema específico da discriminação, falar com os membros do grupo ou membros de outro grupo em que a pessoa esteja inserida ou mesmo com os média sobre uma situação de que foi vítima), que demonstre ser contra a discriminação, tem um impacto maior no bem-estar do que nenhuma atitude (Sohi and Singh, 2015); (e) potencia a perceção de eficácia do grupo e o afeto positivo associado ao grupo (Van Zomeren et al., 2012, citados por Sohi and Singh, 2015).

Desta forma, segundo Sohi and Singh (2015), a ação coletiva é um mecanismo de defesa importante, pois auxilia os membros dos grupos oprimidos a lidar com a discriminação sentida. Uma ação coletiva normativa, bem gerida, tem um enorme potencial para construir uma sociedade mais justa, para uma mudança social efetiva. Porque leva a fortalecer a identidade do grupo racializado e a reduzir os efeitos da discriminação.

1.3.3. Preditores da Atitude Face à Ação Coletiva

Podemos ver como preditores para a atitude face à ação coletiva, os fatores que predizem este comportamento, de acordo com a literatura, podemos indicar os seguintes: (i) a perceção de discriminação racial e da injustiça (Van Zomeren et al., 2008, citados por Stathi et al., 2019); (ii) a emoção de raiva é um preditor fundamental para a ação coletiva, pois esta emoção leva à ação (Tausch and Becker, 2013, citados por Stathi et al., 2019); (iii) altos níveis de identificação com o grupo discriminado (Stathi et al., 2019); (iv) percecionar a injustiça a nível grupal (Ellemers and Barreto, 2009; Liss et al, 2004; Wright and Tropp, 2002, citados por Stathi et al., 2019); (v) identidade social ameaçada, quando os indivíduos que fazem parte do grupo ostracizado são intimidadas, o grupo tem

uma reação para resistir a esta discriminação (Van Zomeren et al., 2008, citados por Stathi et al., 2019); (vi) a percepção de eficácia do grupo, de acordo com a teoria da mobilização de recursos, que refere que quando o indivíduo sente que tem os recursos necessários disponíveis, este acredita que o seu grupo é eficaz na luta pelos seus direitos e na consequente mudança (Klandermans, 1997; McCarthy and Zald, 1977; Mummendey et al., 1999; Van Zomeren et al., 2004, citados por Sohi and Singh, 2015); (g) a crença num futuro melhor, a “permeabilidade colectiva” crença de que o grupo pode passar para um status mais elevado na hierarquia social” (Zang, 2015, citado por Sohi and Singh, 2015, p. 273); (vii) percepção de liderança e estratégias de mobilização eficazes (Sohi and Singh, 2015).

Em Portugal temos alguns exemplos de corajosos líderes do movimento antirracista, tais como: Mamadou Bá e Flávio Almada/LBC Soldjah, porta voz do movimento SOS Racismo e do movimento Vida Justa, respetivamente; e por fim o último preditor (viii) as experiências anteriores de ações coletivas (Sohi and Singh, 2015), o facto do indivíduo saber que em casos anteriores semelhantes, existiu um movimento unido para apoiar a luta e com o objetivo de seguir em direção a um futuro melhor, motivam a ter uma atitude pró-ação coletiva. Um bom exemplo de um compilar de informação importante sobre as origens do movimento negro em Portugal, investigação de experiências passadas sobre o movimento negro entre 1911 e 1933, é o livro Tribuna Negra (Roldão et al., 2023).

1.4. Presente estudo: Objetivo, Hipóteses e Modelo

De seguida, será abordado o objetivo do estudo, as questões de investigação, as hipóteses com base na teoria e o modelo de investigação proposto.

O objetivo do estudo é compreender a relação entre percepção de discriminação racial e satisfação com a vida, e ainda analisar como a identificação grupal e a atitude face à ação coletiva influenciam a relação principal.

Qual o impacto da percepção de discriminação racial na satisfação com a vida? De acordo com a identificação grupal e a atitude face à ação coletiva este efeito aumenta ou diminui?

Hipótese 1: A percepção de discriminação racial está negativamente associada à satisfação com a vida.

Hipótese 2: A percepção de discriminação está positivamente associada à identificação grupal.

Hipótese 3: A identificação grupal está positivamente associada à satisfação com a vida.

Hipótese 4: A identificação grupal medeia a relação entre a percepção de discriminação racial e a satisfação com a vida.

Hipótese 5: A percepção de discriminação está positivamente associada à atitude face à ação coletiva.

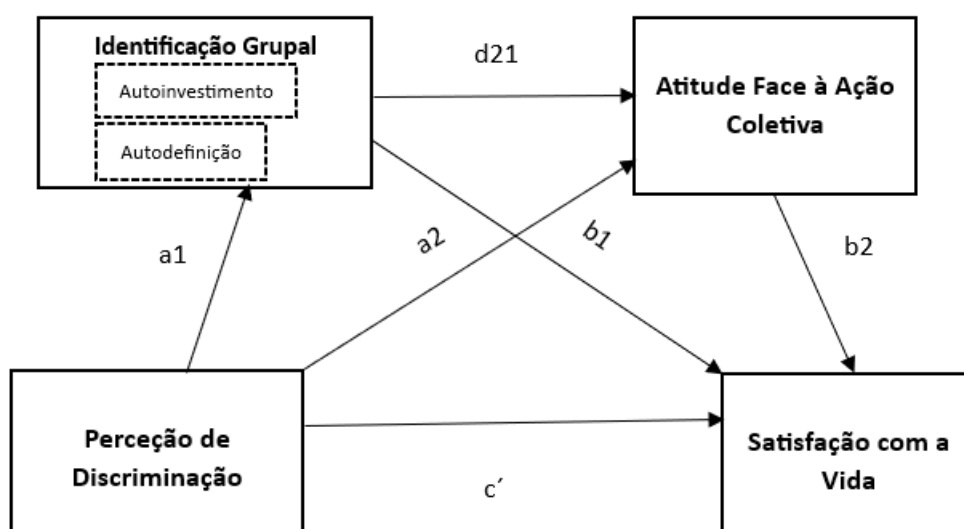
Hipótese 6: A atitude face à ação coletiva está positivamente associada à satisfação com a vida.

Hipótese 7: A atitude face à ação coletiva medeia a relação entre a percepção de discriminação racial e a satisfação com a vida.

Modelo Proposto

Figura 1.

Desenho do Modelo do Estudo: Relação entre a percepção de discriminação e a satisfação com a vida mediada, em cadeia, pela identificação grupal e a atitude face à ação coletiva



CAPÍTULO 2

Método

2.1. Participantes

A amostra deste estudo, inicialmente (i.e., imediatamente no final da recolha de dados), foi composta por 355 participantes, ficou reduzida após aplicados os seguintes critérios de exclusão: (1) ter escolhido qualquer outra opção que não, exclusivamente, a opção “B. Negro(a)/Português(esa) Negro(a)/Afrodescendente/De origem africana” (ver Anexo A); (2) ser menor de 18 anos e (3) não ter pelo menos 95% do questionário preenchido e tendo especificamente de ser excluído se não tiver respondido a questões sociodemográficas relacionadas com o género e a idade.

Após realizada a filtragem com os critérios de exclusão aplicados, a amostra do estudo foi composta por 166 participantes, afrodescendentes, que se identificam como negros, 53% nasceram em Portugal, os que nasceram fora, grande parte é oriunda de países africanos, tais como: Angola (20.5%), Guiné-Bissau (7.8%), Cabo Verde (7.2%), S. Tomé e Príncipe (3%), Moçambique (2.4%), República Democrática do Congo (0.6%), existindo apenas um país do continente americano, do Brasil (2.4%). As idades dos respondentes são compreendidas entre os 18 e os 61 anos ($M = 35.11$; $D.P. = 8.79$), podendo-se caracterizar como uma amostra relativamente jovem, e onde 54.8% dos respondentes se identificam como sendo do género feminino.

Podemos também verificar que estamos perante uma amostra escolarizada, com grande parte dos elementos com o ensino secundário completo (42,2%), outra parte com o grau de licenciado (30,7%), e ainda alguns com o grau de mestre (16,9%). No que diz respeito à ocupação, a maior parte dos inquiridos está no ativo: grande parte trabalha por conta de outrem (53,6%), outros trabalham por conta própria (18,1%), alguns são trabalhadores/estudantes (13,9%), sendo que apenas um pequeno número de participantes se encontra desempregado (4,8%).

No que diz respeito ao nível socioeconómico percebido, com o mínimo de 1 (que representa o fundo da escada) e o máximo de 10 (que representa o topo da escada), a média de respostas foi de 5,69% ($DP = 1.58$), o que nos leva a concluir que a maioria dos respondentes considera estar numa situação mediana no que diz respeito à sua situação financeira, educação e emprego.

A aplicação do questionário teve como incentivo à participação, um sorteio de três vouchers no valor de trinta euros cada um, do hipermercado Lidl (ver Anexo B), concedidos pelo orientador.

2.2. Instrumentos e Medidas

O questionário foi elaborado na plataforma Qualtrics, com todos os instrumentos e medidas referenciados de seguida, pela seguinte ordem (ver Anexo A – Questionário aplicado): i) Consentimento informado; ii) Identificação étnico-racial; iii) Perceção de discriminação racial; iv) Identificação grupal; v) Satisfação com a vida; vi) Atitude face à ação coletiva (aleatorizada com a satisfação com a vida); vii) Questionário sociodemográfico; viii) A questão: “Gostaria de deixar algum comentário ou sugestão aos investigadores?”; ix) Debriefing, com alguma informação útil sobre a atualidade do problema e as variáveis. No final, se o sujeito assim o quisesse, era redirecionado para o questionário de participação no sorteio.

2.2.1. Variáveis sociodemográficas

As variáveis sociodemográficas avaliadas foram o género, idade, local onde nasceu (se fora de Portugal, explicitar onde), ocupação e escolaridade. Apenas as duas variáveis indicadas abaixo utilizaram questionários específicos.

A variável que identifica a pertença étnico-racial, que faz parte dos critérios de inclusão (ser negro), foi retirada do questionário elaborado pelo Grupo de Trabalho (GT) Censos 2021 – Questões “Étnico-raciais” (Grupo de Trabalho criado pelo Despacho n.º 7363/2018, 2019, p. 8). A questão era apresentada da seguinte forma e com a seguinte explicação: “Portugal é hoje uma sociedade com pessoas de diversas origens. Qual ou quais das seguintes opções considera que melhor descreve a sua pertença e/ou origem? (Pode assinalar todas as que considerar)”. Com as seguintes opções de resposta, inclusivas e diversas: “a) Branco(a)/ Português(esa) branco(a)/ De origem europeia; b) Negro/ Português(esa) Negro(a)/ De origem africana; c) Asiático(a)/ Português(esa) de origem asiática/ De origem asiática; d) Cigano(a)/ Português(esa) cigano(a)/ Roma/ De origem cigana; e) Outro grupo. Qual?”

Para o nível socioeconómico, utilizou-se a Escala de MacArthur de Status Social Subjetivo – versão para adultos (Adler et al., 2000), de item único, onde os entrevistados vêem o desenho de uma escada com 10 degraus, com as seguintes instruções: “Pense que esta escada representa a posição das pessoas na sociedade portuguesa, a escada tem 10 degraus. No topo da escada estão as pessoas que estão na melhor situação, aquelas que têm mais dinheiro, educação e melhores empregos. No fundo da escada estão as pessoas que estão em pior situação, aquelas que têm menos dinheiro, educação, empregos ou

nenhum emprego. Qual o grau que melhor representa onde está na escada (1 - fundo da escada a 10 - topo da escada)?". Neste caso, a pessoa tinha de escolher qual o número correspondente ao degrau em que considera estar, de 1 a 10.

2.2.2. Perceção de Discriminação Racial

A perceção de discriminação racial foi avaliada a partir do Brief Perceived Ethnic Discrimination Questionnaire - Community Version (Brief PEDQ-CV) de Bondolo et al. (2005). Realizámos a tradução do questionário para português.

O questionário tem 17 itens, 16 organizados em 4 dimensões e um item único. A média de todos os itens representa perceção de exposição à discriminação racial ao longo da vida.

O instrumento integra as dimensões: 1) Exclusão/ rejeição, que avalia o grau em que a pessoa percebeu ter sido excluída, isolada ou ignorada por causa de sua etnia - itens 8, 11, 12 e 13 (e.g., item 13 – “Com que frequência ignoraram-no ou não prestaram atenção a você?”); 2) Estigmatização/ desvalorização, que mede o grau com que as pessoas referem ter sido tratadas de forma degradante por causa de sua etnia- itens 10, 15, 16 e 17 (e.g., item 17 - “Com que frequência tem sido insinuado que você deve ser preguiçoso?”) ; 3) Discriminação no trabalho/ escola, que avalia o grau com que a pessoa percebeu ter sido tratada de forma injusta no emprego ou na escola devido à sua etnia - itens 1, 2, 9 e 14 (e.g., item 2 – “Com que frequência pensaram que você não poderia fazer as coisas ou lidar com um trabalho?”); 4) Ameaça/ agressão, mede o grau com que as pessoas percebem que elas ou os seus bens foram prejudicados por causa de sua etnia – itens 3, 4, 6 e 7 (e.g., item 3 – “Com que frequência ameaçaram magoá-lo/a (por exemplo disseram que iriam bater-lhe)?”). O item 5 é o item único avalia a perceção de tratamento injusto pela polícia, com a seguinte questão: “Com que frequência agentes da polícia ou seguranças foram injustos consigo?”.

O Questionário Breve de Discriminação Étnica Percebida – Versão Comunitária (PEDQ-CV Resumido) integra uma escala de Likert de 5 pontos, com as seguintes etiquetas: 1 - *nunca aconteceu*, 3 - *aconteceu algumas vezes* e 5 - *aconteceu com muita frequência*. A pontuação é calculada com base na média de respostas dos participantes; valores superiores indicam níveis mais elevados de discriminação racial percebida.

Para esta amostra, a escala apresenta muito boa consistência interna, para o conjunto dos 17 itens ($\alpha = .88$). Utilizámos para as análises a média de todos os itens, ao invés de as utilizarmos por dimensões.

2.2.3. Satisfação com a Vida

A satisfação com a vida, foi avaliada a partir da escala SWLS – Satisfaction with Life Scale (Diener et al., 1985), traduzida para português.

A escala é composta por 5 itens: 1- “Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais”; 2 - “As minhas condições de vida são excelentes”; 3 “Estou satisfeito com a minha vida”; 4 – “Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.”; 5 – “Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.” Para cada uma das afirmações os participantes poderiam escolher apenas uma das opções, numa escala de *Likert* de 7 pontos, 1 - *discordo totalmente* a 7 - *concordo totalmente*. O α de Cronbach da escala, neste estudo, indica uma consistência interna muito boa ($\alpha = .80$; Kline 2011).

2.2.4. Identificação Grupal

Para avaliar a identificação grupal utilizámos a escala multidimensional de identificação de Leach et al. (2008), na versão traduzida para português por Ramos e Alves (2011). O instrumento inclui, 14 itens (Anexo A – Questionário aplicado), onde substituímos a expressão [membro do endogrupo] por Afrodescendentes. Com a seguinte instrução: “Pedimos por favor que reflita sobre ser Afrodescendente e responda entre 1 - *Discordo Totalmente* a 7 - *Concordo Totalmente*, de acordo com o seu grau de concordância”. Valores mais altos indicam um maior nível de identificação com o respetivo grupo.

A escala é composta por 5 dimensões: 1) Satisfação (que inclui os itens 1, 2, 3 e 4); 2) Centralidade (que inclui os itens 5, 6 e 7); 3) Solidariedade (composta pelos itens 8, 9 e 10); 4) Auto-esteriotipização (composta pelos itens 11 e 12) e 5) Homogeneidade do endogrupo (que tem em consta os itens 13 e 14). Estas agrupam-se por sua vez em duas dimensões (Ramos and Alves, 2011): 1) Auto-investimento (combina as componentes Satisfação, Centralidade, Solidariedade) que “(...) está relacionado com investimento pessoal depositado num grupo ao qual o indivíduo pertence.” (Ramos and Alves, 2011, p. 27); e 2) Auto-definição (composta pelas subdimensões Auto-estereotipização e Homogeneidade do endogrupo), que “(...) indica a forma como um indivíduo se define num nível grupal.” (Ramos and Alves, 2011, p. 26).

Para as subdimensões, o α de Cronbach não se apresenta adequado em todas as componentes (.i.e., alguns α não apresentam consistência interna, não são iguais ou superiores a .7): 1) Satisfação ($\alpha = .78$); 2) Centralidade ($\alpha = .59$, apenas quando

excluímos um item melhora, i.e., excluído o item 5, o $\alpha = .77$); 3) Solidariedade ($\alpha = .82$); 4) Auto-estereotipização ($\alpha = .79$); 5) Homogeneidade do endogrupo ($\alpha = .63$).

No entanto, no que diz respeito à fidelidade da escala com todos os itens ou do modelo bidimensional (i.e., com as duas dimensões), a escala tem uma muito boa consistência interna (Kline, 2011), com base nos α de Cronbach apresentados de seguida: conjunto dos 14 itens ($\alpha = .87$), Autoinvestimento (com 10 itens) ($\alpha = .83$) e Autodefinição (com 4 itens) ($\alpha = .82$).

Tal como Ramos e Alves (2011), “os resultados indicaram que um modelo bidimensional fornece uma explicação mais adequada aos dados do que as outras alternativas” (p. 28). Assim, optámos por usar as duas dimensões para as análises.

2.2.5. Atitude Face à Ação Coletiva

Para medir a Atitude Face à Ação Coletiva utilizámos a escala Critical Consciousness Scale (CCS), de Freire (1973, 1993), inicialmente construída com 46 itens. Para o estudo, adotámos a versão reduzida de 22 itens de Diemer et al. (2017). A escala foi traduzida para português.

A escala tem duas dimensões: (1) Reflexão Crítica (com dois subfactores, Desigualdade Percebida e Igualitarismo, e incluímos no questionário apenas o subfactor Igualitarismo) e (2) Ação Crítica: Participação Sociopolítica.

Sendo assim, a dimensão Reflexão Crítica: Igualitarismo, que mede o apoio dos participantes à igualdade social (Diemer et al., 2017), é composta 5 itens (o primeiro item está invertido) e é medido numa escala de 1 – *Discordo Totalmente* a 7 – *Concordo Totalmente*. Esta dimensão apresenta adequada consistência interna ($\alpha = .73$).

A dimensão Ação Crítica: Participação Sociopolítica, que mede a participação dos sujeitos nas atividades políticas e sociais com o objetivo de mudar as desigualdades percebidas (Diemer et al., 2017), é composta por 9 itens. Com a seguinte instrução de participação e escala de resposta: “Considere, por favor, as ações e comportamentos seguintes no contexto do combate ao racismo. Indique, por favor, qual a probabilidade de num futuro próximo realizar essas ações / comportamentos de combate ao racismo, numa escala que varia entre 0% (nada provável) e 100% (totalmente provável). Deverá indicar a sua resposta deslocando o marcador.” Os coeficientes de confiabilidade para esta medida são considerados excelentes ($\alpha = .92$; Kline, 2011).

2.2.6. Covariáveis controladas

Foram utilizadas como covariáveis: a idade e o estatuto sócio económico, e tendo em conta que neste estudo estudamos a variável satisfação com a vida, investigação anterior sugere que o estatuto socioeconómico subjetivo pode ter impacto a nível do bem-estar psicológico e fisiológico (Adler et al, 2000).

2.3. Procedimento

Neste ponto explicarei em detalhe o delineamento do estudo (i.e., descrição da recolha e análise de dados), as instruções fornecidas aos participantes (Ferreira and Santos, 2016).

2.3.1. Recolha dos Dados

Tal como já mencionado acima, o questionário foi elaborado na plataforma Qualtrics, e teve a duração de preenchimento de sensivelmente 10 minutos. A divulgação e preenchimento do questionário foram realizadas durante duas semanas (aproximadamente de 23 de junho a 7 de julho, sendo que logo na primeira semana já tínhamos perto de 170 respostas de participantes negros), nas seguintes redes sociais, através de apresentação do *link* ou *QR-code*: *Facebook*, *Messenger*, *Whatsapp* e *Instagram* (com mais ênfase em mensagem privada e *story's* deste último).

No início do estudo, no consentimento informado, que garantia o anonimato das respostas e o tratamento apenas para objetivos académicos, e ainda continha a seguinte informação: “Caro/a participante. Agradecemos por considerar participar deste estudo, que tem como objetivo analisar a sua perspetiva relativamente às relações racializadas em Portugal. No final do estudo apresentamos uma explicação mais detalhada dos objetivos e da literatura que lhe serviu de apoio.” Quem consentia participar no estudo respondia que sim e era imediatamente direcionado para a questão relacionada com a etnia. Os que escolheram única e exclusivamente a opção b) “Negro/ Português(esa) Negro(a)/ De origem africana” poderiam continuar no estudo. Os que escolheram outra opção, eram encaminhados para o final do estudo, onde agradecíamos a participação.

Apenas existiu no questionário uma pergunta de “force response”, a da etnia, apenas porque sem isso a pessoa não poderia continuar no estudo, sem percebermos se fazia parte da amostra que pretendíamos estudar ou não. Todas as outras questões foram de “request response”, salvaguardando a possibilidade de não reposta.

Fizemos, ainda, uma pergunta antes do final do estudo, onde deixávamos os respondentes dar-nos sugestões ou colocar questões sobre o estudo.

No debriefing agradecemos a participação, referindo que esta estaria a contribuir para o avanço da investigação em Psicologia Social e especificamente relativas a questões do Movimento Negro, Antirracista, e percepção de pessoas racializadas sobre estes temas. Colocámos ainda informação relevante sobre as variáveis do estudo, com as respetivas referências dos artigos.

Os respondentes que quisessem participar do sorteio dos vouchers do Lidl eram encaminhados para um questionário à parte com questões como nome e mail. O sorteio foi elaborado no site Stat Trek (site stattrek.com), que escolheu aleatoriamente três vencedores, e após solicitar a morada dos sorteados, receberam o voucher de 30€ do Lidl via correio.

2.3.2. Análise dos Dados

Os dados foram exportados para o *Statistical Analysis Software* (SPSS), a base de dados foi trabalhada de modo a aplicar os critérios de exclusão já referidos. Demos início às análises relacionadas com as questões sociodemográficas, seguidas de testes à fidelidade das escalas (verificando o α de Cronbach), testes para verificar as correlações entre as variáveis (*r Pearson*), seguido de utilização do *Process* de Hayes (2022) para verificar a correlação entre as variáveis e a mediação, no fundo realizar os testes às hipóteses do estudo.

De seguida, nos resultados, apresentação dos principais resultados.

CAPÍTULO 3

Resultados

Neste capítulo, é apresentada a descrição e análise dos dados obtidos nesta investigação. Inicialmente, são apresentados os resultados das médias, desvio-padrão e correlações entre as variáveis, consistência interna das medidas utilizadas no estudo (Tabela 1), seguido de testes estatísticos às hipóteses do estudo (i.e., regressão linear múltipla), especificamente com recurso a uma mediação em cadeia (Tabelas 2 e 3) realizada no software IBM SPSS Statistics 29.0 da macro PROCESS, de Hayes (2022).

3.1. Estatísticas descritivas e correlações entre as variáveis

Neste ponto, as correlações bivariadas demonstram que as relações entre as variáveis de controlo, nível socioeconómico e idade, são estatisticamente significativas (Tabela 1), ou seja, existe relação positiva entre o nível socioeconómico e a idade ($r = 0.18, p < 0.05$), o que nos sugere que aumenta o nível socioeconómico com o aumento da idade; entre o nível socioeconómico e a satisfação com vida ($r = 0.42, p < 0.01$), quanto maior o nível socioeconómico maior o grau de satisfação com a vida; e entre a idade e a atitude face à ação coletiva ($r = 0.25; p < 0.01$), quando aumenta a idade aumenta a atitude face à ação coletiva (i.e., a intenção de num futuro próximo ter uma atitude relacionada com ação coletiva).

Relativamente à estatística descritiva da perceção de discriminação racial, as pessoas reconhecem alguma discriminação, mas não em níveis frequentes ($M = 2.19, DP = 1.59$). A perceção de discriminação tem uma relação estatisticamente significativa com a atitude face à ação coletiva ($r = 0.29, p = 0.01$), o que demonstra que de um modo geral as pessoas que percecionam discriminação racial têm maior probabilidade de num futuro próximo realizar ações ou comportamentos associados à luta contra o racismo. No que diz respeito à estatística descritiva da atitude face à ação coletiva, existe um nível relativamente médio, 56% de probabilidade de participar num futuro próximo em ações relacionadas com a luta antirracista ($M = 55.97, DP = 28.00$).

A pontuação média da satisfação com a vida ($M = 4.34, DP = 1.16$) representa níveis médios de satisfação com a vida o que nos sugere que a maior parte dos respondentes no geral está satisfeito com as várias áreas da sua vida, no entanto, gostaria de melhorar uma ou outra área (Diener, 2006). A satisfação com a vida, por sua vez, está correlacionada com a identificação grupal na dimensão autoinvestimento, de forma estatisticamente significativa ($r = 0.22, p = 0.001$), o que sugere que quando aumentam os níveis de

satisfação com a vida, aumentam os níveis de investimento pessoal depositados no grupo dos Afrodescendentes.

Relativo à estatística descritiva do autoinvestimento ($M = 6.17$, $DP = 0.75$), os resultados apresentam um nível elevado de identificação com o grupo Afrodescendentes, sendo que 7 representa *Concordo Totalmente*. Por sua vez, a dimensão autoinvestimento, está significativamente correlacionada com a outra dimensão da identificação grupal – autodefinição ($r = 0.50$, $p = 0.01$), o que significa que quando aumentam os níveis de investimento pessoal no grupo de Afrodescendentes aumenta também a percepção do sujeito como sendo semelhante a membros protótipos do grupo de Afrodescendentes, deixando este de se ver como sujeito isolado (Ramos and Alves, 2011). Para concluir, as medidas descritivas da autodefinição ($M = 4.91$, $DP = 1.28$) sugerem níveis elevados de autodefinição (Tabela 1; Anexo C).

Tabela 1*Estatística Descritiva, Intercorrelações entre as Variáveis e Consistências Internas das Medidas Utilizadas*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1	2	3	4	5	6	7
1. Nível socioeconómico	5.68	1.59							
2. Idade	35.15	8.81	0.18*						
3. Perceção de discriminação racial	2.19	0.66	-0.12	0.04	(0.88)				
4. Satisfação com a vida	4.34	1.16	0.42**	0.05	0.13	(0.80)			
5. Identificação Grupal - Auto-investimento	6.17	0.75	-0.02	-0.10	0.07	0.22**	(0.83)		
6. Identificação Grupal - Auto-definição	4.91	1.28	-0.08	-0.10	0.10	0.08	0.50**	(0.82)	
7. Atitude face à ação coletiva	55.97	28.00	0.02	0.25**	0.29**	-0.01	0.12	-0.07	(0.92)

Nota. O alfa de Cronbach estão indicados entre parêntesis na diagonal da tabela.

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$

3.2. Teste do Modelo de Mediação em Cadeia

Foi analisada uma mediação em cadeia (Modelo 6 do PROCESS), com as duas variáveis mediadoras, sendo que as duas dimensões da identificação grupal serão analisadas separadamente. Em primeiro lugar com a dimensão da mediadora Identificação Grupal - Autoinvestimento (Tabela 2), seguido da análise com a dimensão da mediadora Identificação Grupal – Autodefinição (Tabela 3). Esta análise vai permitir de seguida testar as hipóteses do estudo e saber se o modelo é estatisticamente significativo.

Os resultados indicam que a percepção de discriminação racial apresentou efeito negativo e não significativo na satisfação com a vida ($B = -0.13$, $t = -1.05$, $p = .29$), não suportando H1 relativa ao efeito total. Como podemos observar na Tabela 2 e 3, a percepção de discriminação racial não teve efeito significativo na identificação grupal, em nenhuma das dimensões: 1) autoinvestimento a_1 ($B = 0.40$, $t = 0.43$, $p = .67$); 2) autodefinição a_1 ($B = -0.23$, $t = 1.46$, $p = .15$), não apoiando H2, logo, podemos inferir que a percepção de discriminação racial não está associada à identificação grupal.

A identificação grupal, dimensão autoinvestimento apenas, está positivamente e significativamente associada à satisfação com a vida ($B = 0.37$, $t = 3.41$, $p = .001$), os resultados são consistentes com H3 para a dimensão autoinvestimento (Tabela 2; Figura 2).

A identificação grupal, em nenhuma das dimensões medeia a relação entre percepção de discriminação racial e a satisfação com a vida 1) autoinvestimento (efeito indireto de estimativa *bootstrapp* de 0.15) com intervalo de confiança de 95% sem efeito indireto significativo porque inclui o 0 (-0.05, 0.09); 2) autodefinição (efeito indireto de estimativa *bootstrapp* de 0.03) com intervalo de confiança de 95% sem efeito indireto significativo porque inclui o 0 (-0.01, 0.09), logo os resultados não suportam H4 (Tabela 2 e 3; Figura 3).

A percepção de discriminação está positivamente associada à atitude face à ação coletiva ($B = 12.09$, $t = 3.84$, $p = .001$), os resultados suportam H5 (Tabela 2, Figura 1).

A atitude face à ação coletiva, quando o mediador em cadeia é o autoinvestimento, não está positivamente relacionada à satisfação com a vida e não é significativa estatisticamente ($B = -0.001$, $t = -0.33$, $p = .74$; Tabela 2). Quando o mediador em cadeia é a autodefinição, a relação é positiva, mas não é significativa estatisticamente ($B = 0.001$, $t = 0.27$, $p = .79$; Tabela 3). Deste modo, os resultados não apoiam a H6.

Por último, a atitude face à ação coletiva não medeia a relação entre a percepção de discriminação racial e a satisfação com a vida, em nenhuma das dimensões do mediador em cadeia identificação grupal: 1) autoinvestimento (efeito indireto de estimativa *bootstrapp* de 0.02) com intervalo de confiança de 95% sem efeito indireto significativo porque inclui o 0 (-0.003, 0.05); 2) autodefinição (efeito indireto de estimativa *bootstrapp* de -0.01) com intervalo de confiança de 95% sem efeito indireto significativo porque inclui o 0 (-0.02, 0.004), logo os resultados não suportam H7 (Tabela 2 e 3).

Para concluir, seguem apenas um dos resultados da qualidade do modelo de regressão linear para este estudo, apenas vou referir os adequados, podem ser consultados todos nas Tabelas 2 e 3. Como podemos observar na Tabela 2, a atitude face à ação coletiva explica 14% (R^2 ajustado = 0.14) da satisfação com a vida e o modelo linear é significativo para explicar a relação entre as duas variáveis ($F(3,161) = 8.70, p < .001$), a magnitude da correlação é moderada (Cohen, 1992; Tabela 8 no Anexo E).

Tabela 2.

Resultados de Regressão para a Mediação em Cadeia com a dimensão Autoinvestimento (PROCESS: modelo 6)

Variáveis		M ₁ Autoinvestimento					M ₂ Atitude face à ação coletiva					Y Satisfação com a vida					
		Coef.	Erro-padrão	<i>t</i>	<i>p</i>		Coef.	Erro-padrão	<i>t</i>	<i>p</i>		Coef.	Erro-padrão	<i>t</i>	<i>p</i>		
X - Perceção de discriminação racial	a ₁	0.40	0.09	0.43	.67	a ₂	12.09	3.14	3.84	<.001	c'	-0.15	0.13	-1.19	.23		
M ₁ . Autoinvestimento		-	-	-	-	d ₂₁	0.004	0.002	1.75	.08	b ₁	0.37	0.11	3.41	<.001		
M ₂ .Atitude face à ação coletiva		-	-	-	-		-	-	-	-	b ₂	-0.001	0.003	-0.33	.74		
Constant	i _{M1}	6.28	0.36	17.48	<.001	i _{M2}	2.44	12.66	0.19	.85	i _Y	0.65	0.84	0.77	.44		
		<i>R</i> ² = 0.04						<i>R</i> ² = 0.14						<i>R</i> ² = 0.24			
		<i>F</i> (4,160) = 1.46, <i>p</i> = .22						<i>F</i> (3,161) = 8.70, <i>p</i> = <.001						<i>F</i> (5,159) = 10.16, <i>p</i> = <.001			
<i>Bootstrapping para o efeito indireto (ab)</i>																	
						Efeito		Erro-padrão				LI 95% IC		LS 95% IC			
Efeito indireto da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida via autoinvestimento						0.15		0.03				-0.05		0.09			
Efeito indireto da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida via atitude face à ação coletiva						-0.13		0.04				-0.10		0.06			
Efeito indireto da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida via autoinvestimento e atitude face à ação coletiva						0.02		0.01				-0.003		0.05			

N = 165. Modelo controlado com as variáveis idade e nível socioeconómico. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. 5000 amostras *bootstrap*. *LI* – Limite inferior; *LS* – Limite superior; *IC* – Intervalo de Confiança.

Fonte: Hayes (2022). Cálculos próprios.

Tabela 3.

Resultados de Regressão para a Mediação em Cadeia com a dimensão Autodefinição (PROCESS: modelo 6)

Variáveis	M1 Autodefinição					M2 Atitude face à ação coletiva					Y Satisfação com a vida				
	Coef.	Erro-padrão	t	p		Coef.	Erro-padrão	t	p		Coef.	Erro-padrão	t	p	
X - Perceção de discriminação racial	a ₁	0.23	0.16	1.46	.15	a ₂	12.09	3.14	3.84	<.001	c'	-0.17	0.13	-1.25	.21
M1 - Autodefinição	-	-	-	-		d ₂₁	-0.003	0.003	-0.97	.33	b ₁	0.11	0.07	1.76	.08
M2 - Atitude face à ação coletiva	-	-	-	-		-	-	-	-		b ₂	0.001	0.03	0.27	0.79
Constant	i _{M1}	5.22	0.62	8.46	<.001	i _{M2}	2.44	12.66	0.19	.85	i _Y	2.38	0.60	3.91	<.001
R ² = 0.03						R ² = 0.14						R ² = 0.20			
F (4,160) = 1.19, p = .32						F (3;161) = 8.70, p = <.001						F (5,159) = 8.06, p = <.001			

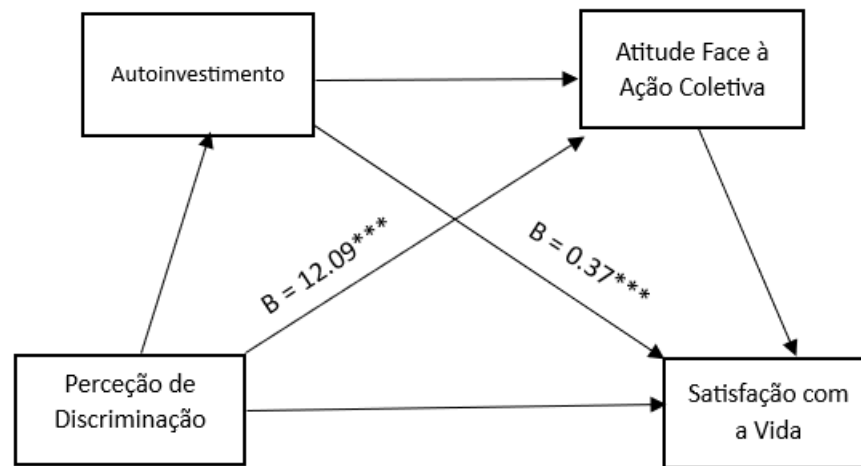
Bootstrapping para o efeito indireto (ab)				
	Efeito	Erro-padrão	LI 95% IC	LS 95% IC
Efeito indireto da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida via autodefinição	0.03	0.03	-0.01	0.09
Efeito indireto da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida via atitude face à ação coletiva	0.01	0.04	-0.07	0.09
Efeito indireto da perceção de discriminação racial na satisfação com a vida via autodefinição e atitude face à ação coletiva	-0.01	0.01	-0.02	0.004

N = 165. Modelo controlado com as variáveis idade e nível socioeconómico. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. 5000 amostras *bootstrap*. LI – Limite inferior; LS – Limite superior; IC – Intervalo de Confiança.

Fonte: Hayes (2022). Cálculos próprios.

Figura 2.

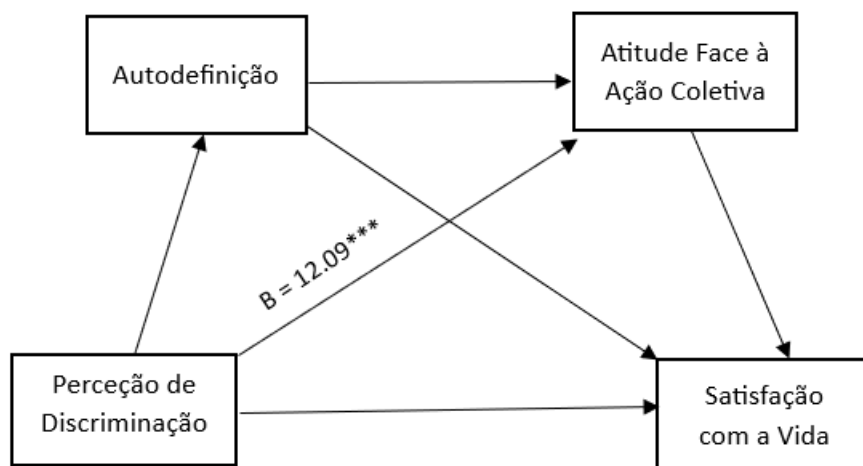
Estimativas não estandardizadas dos parâmetros do modelo de equações estruturais hipotetizado, quando o mediador Identificação Grupal é a dimensão Autoinvestimento: modelo de mediação parcial.



Nota. *** $p < 0.001$

Figura 3.

Estimativas não estandardizadas dos parâmetros do modelo de equações estruturais hipotetizado, quando o mediador Identificação Grupal é a dimensão Autodefinição: modelo de mediação parcial



Nota. ** $p < 0.001$

CAPÍTULO 4

Discussão

Os objetivos deste estudo foram: compreender como os afrodescendentes, que se identificam como negros, percebem a discriminação racial e se esta percepção tem uma correlação negativa com os seus níveis de satisfação com a vida, e ainda, compreender se quando esta relação é mediada pela identificação grupal e pela atitude face à ação coletiva, os níveis de satisfação com a vida aumentavam ou diminuía.

Podemos referir que os resultados encontrados são, em parte, consistentes com a literatura anterior e com o Modelo de Identificação-Rejeição de Branscombe et al. (1999). Concretamente, verificou-se que quando existe um nível mais elevado de identificação com o grupo de Afrodescendentes/ Negros, especificamente na dimensão autoinvestimento, os participantes sentem maiores níveis de bem-estar/satisfação com a vida (Giamo et al, 2012; Smithe and Silva, 2001, citados por Giamo et al., 2012).

Por outro lado, os resultados não demonstram ser consistentes com estudos anteriores no que diz respeito à relação entre percepção e satisfação com a vida, dado que a percepção de discriminação racial não registou uma associação negativa na satisfação com a vida, nem sequer estão correlacionadas, ao contrário do estudo de Giamo et al, (2012).

Relativamente à atitude face à ação coletiva, de fato confirmou-se a relação entre esta e a percepção de discriminação racial, o que sugere que quando as pessoas negras percebem atitudes racistas, elas têm maior propensão em adotar comportamentos relacionados com a luta antirracista (Schmitt et al., 2014; Vala, 2021). Os resultados encontrados demonstram ser relevantes, pois sugerem que existe relação entre a idade dos participantes e maior pretensão de num futuro próximo adotar comportamentos antirracistas.

4.1. Limitações e Investigação Futura

Este estudo tem várias limitações que identificamos em seguida. Uma limitação verificada foi o facto de o estudo apenas incluir uma medida subjetiva de satisfação com a vida. Estudos anteriores demonstram que correlacionado com outras variáveis que medem o bem-estar, como a depressão, a ansiedade (Hwang and Goto, 2008, citados por Giamo et al., 2012), a autoestima (Schmitt, Branscombe et al., 2003, citados por Giamo et al., 2012) poderá ser importante na comunidade racializada (Williams et al, 2012).

Um exemplo, para se compreender em que medida a percepção de discriminação tem uma correlação negativa na autoestima e em psicopatologias (e.g., como a depressão e a

ansiedade), de forma a podermos através de projetos específicos, até de mãos dadas e em comunidade (i.e., as escolas, as famílias, os bairros, as instituições do estado, como e.g., polícia, as juntas de freguesia, os centros de saúde, as câmaras municipais e respetivos departamentos), sugerir programas específicos para este grupo específico de crianças e adolescentes negros, que habitam em bairros sociais.

Analisando estas variáveis e estes grupos específicos, estigmatizados, com um baixo nível socioeconómico, pouco apoio social e que presenciam vários tipos de violências no seu quotidiano, esperaria resultados mais fortes, ou seja, elevados níveis de perceção de discriminação e baixos níveis autoestima e de psicopatologias.

Esta opção poderia ser vista de duas formas: como limitação e como linha de investigação futura.

A outra limitação está relacionada com a variável discriminação racial. Especificamente, a amostra apresenta níveis baixos de perceção de discriminação, o que pode levar-nos a inferir que existe alguma relutância em afirmar ter identificado a discriminação racial, o que vai de encontro com outros autores, na medida em que referem que a não identificação do racismo e/ou o amenizar destas situações podem ter efeitos benéficos no bem-estar ao contrário da discriminação percebida (Haslam, 2010; Pascoe and Richman 2009, citados por Schmitt et al., 2014; Schmitt et al. 2014). É importante referir que estes dados não querem dizer que não exista racismo, outras variáveis, as sociodemográficas, talvez possam estar a impedir que se verifique neste estudo essa perceção. Por exemplo o nível socioeconómico médio, o facto de grande parte dos participantes estar empregada e ser mais escolarizada, pois em termos de grupo racial e de classe, sabemos que os que são de classe social mais desfavorecida (pior ou nenhum emprego, baixos níveis de educação, e menos dinheiro) são frequentemente vítimas de racismo (Dixon, 2018).

De acordo com o estudo de Fernandes (2022), quando a perceção de uma atitude de discriminação racial acontece na infância existem mais situações de evitação do que enfrentamento, quando uma pessoa percebe discriminação muito novo e não tem ferramentas adequadas para confrontar o racismo, acaba por ignorar. Pode ser um dos motivos que faz com que os níveis de perceção de discriminação racial sejam mais baixos.

Outra sugestão poderá ser por desejabilidade social, que é um traço de personalidade, em termos de medidas de autorrelato a desejabilidade costuma ser abordada, pois é vista

como uma tendência para responder de forma socialmente aceite (Holden and Passey, 2009).

Em estudos futuros poderia ser explorada a relação moderadora da idade na relação entre percepção de discriminação racial e a atitude face à ação coletiva, pois de acordo com os resultados deste estudo, correlação entre ação coletiva e a idade, poderia ser interessante perceber melhor se tendo em conta a idade a relação aumenta ou diminui de intensidade.

Penso que seria importante fazer o mesmo tipo de estudo com jovens negros, adolescentes, em idade escolar, e ainda junto de presidiários negros. Para compreendermos se com outro tipo de população, mais jovens e com condições de vida desfavoráveis, com nível socioeconómico mais baixo, baixas qualificações académicas e sem emprego, com menos suporte social, os níveis de bem-estar na percepção de discriminação ainda são piores ou se o modelo de identificação-rejeição, juntando a identificação grupal poderia reduzir os efeitos da discriminação no bem-estar.

Tendo em conta que este estudo não é experimental, é correlacional, não é possível estabelecer relações causais, seria importante num estudo próximo realizar uma investigação experimental com jovens negros, por exemplo da seguinte forma: aplicar um questionário sobre satisfação com a vida, bem-estar, autoestima, com algumas medidas de bem-estar subjetivo, seguido de aplicação de um programa que pressupõe a integração em grupos com características de fenótipo e culturais semelhantes, lado a lado com o desenvolvimento de competências, com formação pessoal e profissional, preparação e apoio à integração no mundo do trabalho na área de eleição do jovem negro, promoção de conexão com universidades e associações de estudantes negros e ainda apoio aos pais e ao jovem no que diz respeito à conscientização para os estilos parentais e da luta antirracista. No final, aplicar outro questionário e ver as diferenças no bem-estar destes jovens.

4.2. Implicações Sociais e Conclusão

Sabemos que existem ainda poucas iniciativas destinadas a recolher informação do que sente ou pensa a população racializada, apesar de já existirem algumas associações ou projetos que o fazem, um exemplo disso é a “Samane Portugal - Associação Saúde das Mães Negras e Racializadas em Portugal” (composta por algumas psicólogas negras), que aplicou um questionário e fez um relatório intitulado por “Experiências de gravidez, parto e pós parto de mulheres negras e afrodescendentes em Portugal” (Coimbra et al., 2013).

Outro exemplo é o “Scissor Project - Cortar com o Racismo” estudos sociais e clínicos sobre racismo (Ribas, 2022) e ainda o questionário aplicado pelo INE (ICOT 2023). No entanto, é sempre importante recolher mais informação sobre as pessoas racializadas para compreender em que medida a teoria e os dados nos podem dar ferramentas para conhecermos melhor a comunidade racializada e adequarmos ou criarmos determinadas medidas para combater o racismo e os seus efeitos. Quer seja criar associações, coletivos, programas e projetos com base na teoria, no modelo de identificação-rejeição (Branscombe et al., 1999), aliado à norma antirracista. Não esquecendo que o racismo impacta todos, as pessoas racializadas e as não racializadas, claro que com maior impacto no primeiro grupo. Seria importante criar determinados grupos ao qual as pessoas racializadas se identifiquem, mais associações de estudantes negros, mais associações dentro dos bairros sociais, junto das comunidades, mais movimentos políticos negros, com o objetivo de fomentar o sentimento de identificação e pertença grupal e consequente uma atitude positiva face à ação coletiva, com foco na mudança social, para uma sociedade mais justa para todos.

Relativamente ao que está a ser feito a nível de políticas públicas para redução da discriminação racial, existem vários programas (e.g., Horizonte Europa) e projetos que podem recorrer a fundos da União Europeia para reduzir a discriminação racial, a proposta da Comissão Europeia prevê um conjunto de oportunidades para apoiar a redução da discriminação de minorias étnicas e raciais, também com o objetivo de dialogar e apoiar associações não governamentais (European Commission 2020b; Governo de Portugal, 2021).

Será que é fácil chegar a estes fundos? Será que as associações conseguem usá-los e sabem como? Seria importante o estado facilitar mais apoio junto da comunidade para que estes percebam como podem ter acesso a fundos europeus, para os seus projetos sociais. Porque seria importante ter mais projetos ligados à comunidade negra, a promover a identificação grupal e motivar a participação política e informada, pois o conhecimento, a união e a luta podem mudar o mundo, como temos visto ao longo dos anos.

Tendo em conta os efeitos da discriminação no bem-estar psicológico das pessoas racializadas, seria também importante ser criado um pacote de medidas para que estes possam ter acesso. Por exemplo, se a investigação anterior sugere que a perceção de discriminação tem efeitos negativos a nível de: depressão, ansiedade, satisfação com a vida, autoestima, o apoio psicológico gratuito para esta comunidade poderia ser uma

medida aplicada pelo governo, não resolve o problema na sua plenitude, mas ajudaria muito.

Tendo em conta que o racismo é sistémico, outra sugestão para as políticas públicas seria de criar em todas as escolas do país, grupos que fomentem a redução do preconceito, de educação antirracista. Por exemplo para além de promover a identificação grupal, daria formação e apoiaria toda a comunidade escolar com recursos adequados para a perceção da discriminação, compreensão dos efeitos desta discriminação e consequentemente compreender os efeitos dos grupos e da identificação grupal na melhoria do bem-estar das pessoas racializadas. Não esquecendo o promover medidas para auxiliar no desenvolver de estratégias de *coping* para pessoas racializadas (Schmitt et al., 2014).

A investigação com a comunidade negra é importante para compreender melhor como podem ser aplicadas novas políticas, que sejam bons alicerces para uma sociedade mais justa e equitativa. Sabemos que a maior parte dos negros em Portugal têm trabalhos precários (i.e., trabalhos mais físicos do que intelectuais), e que poucos negros chegam às universidades, quer como alunos, quer como professores (Roldão, 2015; Seabra et al., 2016) por isso é importante existirem políticas públicas e medidas específicas para promover a inclusão de negros nas universidades, em trabalhos mais intelectuais e em cargos de decisão, ou ainda como trabalhadores por conta própria.

A linha de investigação relacionada com a diversidade e inclusão, por um lado tem sido um bom exemplo de uma prática eficaz, porque a meu ver, tem levado várias empresas a aderir à contratação de pessoas racializadas e emigrantes (Brandão & Côrte, 2024; Governo de Portugal, 2021), por outro lado, sabemos que muitas vezes é só fachada e comunicam algo que de facto não realizam e era importante o estado português monitorar e conscientizar as empresas e todas as instituições sobre este tema.

Em suma, é importante a promoção de planos específicos que façam chegar aos bairros precários o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais, assim como literacia financeira e conhecimento de fundos que possam dar acesso a um trabalho por conta própria. Existe uma grande dificuldade em fazer chegar à comunidade afrodescendente as mesmas condições que um não negro tem. Um exemplo prático é a formação, o acesso à universidade a preço de aluno não estrangeiro, ou acesso à formação financiada. Muitos destes jovens mesmo nascidos em Portugal, não têm documentação portuguesa, logo, o seu acesso à universidade com as mesmas condições que os não negros, não existem. É igualmente fundamental promover de forma mais consistente,

junto das empresas e instituições públicas, a questão da diversidade e inclusão, e resolver necessidades básicas como segurança, habitação, alimentação, saúde, documentação e emprego, para restaurar a dignidade humana das pessoas negras e pobres que vivem nos bairros periféricos de Portugal e que tanto contribuíram e contribuem para a economia do país.

Referências Bibliográficas

- Adler, N. E., Epel, E. S., Castellazzo, G., & Ickovics, J. R. (2000). Relationship of subjective and objective social status with psychological and physiological functioning: preliminary data in healthy white women. *Health Psychology, 19*(6), 586-592. DOI: 10.1037//0278-6133.19.6.586
- Armenta, B. E., & Hunt, J. S. (2009). Responding to societal devaluation: Effects of perceived personal and group discrimination on the ethnic group identification and personal self-esteem of Latino/Latina adolescents. *Group Processes and Intergroup Relations, 12*(1), 39-55. <https://doi.org/10.1177/1368430208098775>
- Arriaga, P. & Sales, C. M. D. (2016). Como planear a investigação? In M. V. Garrido and M. Prada, *Manual de Competências Académicas* (pp. 247-279). Sílabo.
- Barbio, L., Marques, M., & Neves, S. (2024, março 21). *Inquérito às condições de vida, origens e trajetórias da população residente (ICOT 2023): Um contributo para a análise da discriminação em Portugal*. Faculdade de Direito da NOVA School of Law. Conversas sobre Racismo e Xenofobia - Observatório do Racismo e Xenofobia.
- Brandão, N. G., & Côrte, B. (2024). A importância da identificação dos valores da marca IKEA Portugal para a decisão de compra dos seus consumidores millennials. *Comunicação e Sociedade, 45*(1), 1-23. [https://doi.org/10.17231/comsoc.45\(2024\).5376](https://doi.org/10.17231/comsoc.45(2024).5376)
- Branscombe, N. R., Schmitt, M. T., & Harvey, R. D. (1999). Perceiving pervasive discrimination among African Americans: Implications for group identification and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*(1), 135-149. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.1.135>
- Brondolo, E., Kelly, K. P., Coakley, V., Gordon, T., Thompson, S., Levy, E., Cassells, A., Tobin, J. N., Sweeney, M. & Contrada, R. J. (2005). The perceived ethnic discrimination questionnaire: development and preliminary validation of a community version. *Journal of Applied Social Psychology, 35*(2), 335-365.
- Caetano, D. S. C. (2020). *A perspetiva dos jovens afrodescendentes do ensino secundário sobre o racismo no sistema educativo Português* (Master's thesis).
- Carmo, D. (2023, 5 janeiro). Inquérito do INE sobre origem da população e discriminação vai incluir mais de 35 mil pessoas. Público. <https://www.publico.pt/2023/01/05/sociedade/noticia/inquerito-ine-diversidade-origem-populacao-vai-incluir-35-mil-pessoas-2033856>

- Casquilho-Martins, I., Belchior-Rocha, H. and Alves, D. R. (2022). Racial and ethnic discrimination in Portugal in times of pandemic crisis. *Social Sciences*, 11(5), 184. <https://doi.org/10.3390/socsci11050184>
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155-159. [Doi.org/10.1037/0033-2909.112.1.155](https://doi.org/10.1037/0033-2909.112.1.155)
- Coimbra, C., Baldé, E., Costa, K., Brito, L., Graça, P. R., Correia, R., Lopes, N., Djálo, D. and Santos, D. (2023). Experiências de gravidez, parto e pós-parto de mulheres negras e afrodescendentes em Portugal. Samanepor.
- Comissão Europeia. (2020). *Uma União da igualdade: plano de ação da UE contra o racismo 2020-2025*.
- Costa-Lopes, R. (2024). *Preconceito e discriminação em Portugal*, (Col. Ensaios da Fundação). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Davis, A. Y. (2018). *Liberdade é uma luta constante: Ferguson, Palestina e os fundamentos de um movimento* (B. Bueno, Trad.). Boitempo. (Trabalho original publicado em 2016).
- Davis, A., Collins, P. H., and Federici, S. (2023). *Democracia para quem?: Ensaios de resistência*. Boitempo.
- Delgado, A., Pina, P., Oliveira, C. R., Casa-Nova, M. J., Roldão, C., Peixoto, J., Malheiros, J., Vala, J., Araújo, M., Pires, R. P., Rodrigues, A., Fernandes, J. S., Gomes, B. and Moreira, J. (2019). Grupo de trabalho (GT) censos 2021 – questões “étnico-raciais”. Despacho n.º 7363/2018.
- Diemer, M. A., Rapa, L. J., Park, C. J. and Perry, J. C. (2017). Development and validation of the critical consciousness scale. *Youth and Society*, 49(4), 461-483. DOI: [10.1177/0044118X14538289](https://doi.org/10.1177/0044118X14538289)
- Diener, E. (2006, 13 de fevereiro). Understanding scores on the satisfaction with life scale. Psychology Department Labs. Disponível online: <http://labs.psychology.illinois.edu/~ediener/Documents/Understanding%20SWLS%20Scores.pdf> (acesso a 10 de outubro de 2023)
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. and Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71 – 75.
- Dixon, A. R. (2018). Colorism and classism confounded: Perceptions of discrimination in Latin America. *Social Science Research*, 79(1), 32-55. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2018.12.019>

- European Commission. 2020a. A Union of Equality: EU Anti-Racism Action Plan 2020 – 2025, Brussels, 18.9.2020, COM (2020) 565 Final. Disponível online: https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/a_union_of_equality_eu_action_plan_against_racism_2020_-2025_en.pdf (acesso a 10 de outubro de 2023)
- European Commission. 2020b. Speech by president von der Leyen at the European Parliament Plenary—We need to talk about racism— Openly and honestly, 17 de junho de 2020. Disponível online: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_20_1114 (acesso a 10 de outubro de 2023).
- Fanon, F. (1952). Black skin, white masks. Pluto Press.
https://monoskop.org/images/a/a5/Fanon_Frantz_Black_Skin_White_Masks_1986.pdf
- Fernandes, M. P. (2022). *A Identidade Racial dos Jovens Negros em Portugal: Reações Face a uma Situação de Racismo* (Master's thesis, Universidade do Porto (Portugal)).
- Ferreira, M. B. and Santos, A. S. (2016). Divulgação científica: Preparação de relatórios, projetos ou artigos científicos. In M. V. Garrido and M. Prada, *Manual de competências académicas* (pp. 345-373). Sílabo.
- Fritz, M. S., and MacKinnon, D. P. (2007). Required sample size to detect the mediated effect. *Psychological Science*, 18(3), 233–239. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2007.01882.x>
- Giamo, L. S, Schmitt, M. T and Outten, H. R. (2012). Perceived Discrimination, Group Identification, and Life Satisfaction. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 18(4), 319-328. DOI: 10.1037/a0029729
- Governo de Portugal. (2021). *Plano Nacional de Combate ao Racismo e à Discriminação 2021-2025 – Portugal contra o racismo (PNCRD 2021-2025)*. [220324-pncrd-a4.indd](#)
- Hayes, A. F. (2022). Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach. (3rd ed). New York: Guilford Press.
- Henriques, J. G. (2019, 17 junho). INE chumba pergunta sobre origem étnico-racial nos censos. Público. <https://www.publico.pt/2019/06/17/sociedade/noticia/censos-1876683>
- Holden, R. R., and Passey, J. (2009). Social desirability. In M. R. Leary and R. H. Hoyle (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 441–454). The Guilford Press.
- Instituto Nacional de Estatística. (2023). *Inquérito às condições de vida, origens e trajetórias da população residente*.

- Instituto Nacional de Estatística. (2023). *Inquérito às condições de vida, origens e trajetórias da população residente (ICOT 2023): Contributo para a análise da discriminação em Portugal*.
- Jetten, J., Haslam, S. L., Cruwys, T., Greenaway, K. H, Haslam, C. and Steffens, N. (2017). Advancing the social identity approach to health and well-being: Progressing the social cure research agenda. *John Wiley and Sons, Ltd*.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed). New York: Guilford Press.
- Kendi, I. X. (2020). *Como ser antirracista*. Alta Cult.
- Leach CW, van Zomeren M, Zebel S, Vliek ML, Pennekamp SF, Doosje B, Ouwerkerk JW, Spears R. Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *J Pers Soc Psychol*. 2008 Jul;95(1):144-65. doi: 10.1037/0022-3514.95.1.144. PMID: 18605857.
- Lopes, D. and Pinto, I. R. (2016). Conhecer os métodos quantitativos e qualitativos e suas aplicações em ciências sociais humanas. In M. V. Garrido and M. Prada, *Manual de competências académicas* (pp. 283-341). Sílabo.
- Newton, H. P. (1973). *Revolutionary Suicide*. Penguin Books.
- Newton, H. (2002). *Die for the people: The writings of Huey P. Newton*. City Lights Publishers.
- Oliveira, A. L., Sousa, T., and Alvarez, M. (2024). Longevidade saudável e equilíbrios dinâmicos do bem-estar, da dieta e da atividade física. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 10(1), artigo 315.
<https://doi.org/10.31211/rpics.2024.10.1.315>
- Perry, B. L., Harp, K. L. and Oser, C. B. (2013). Racial and gender discrimination in the stress process: implications for African American women's health and well-Being. *Sociol Perspect*, 56(1), 25-48. PMID: 24077024; PMCID: PMC3783344
- Pereira, L. (2024, 24 de outubro). Duas para o ar, duas sobre Odair. O carro não era furtado, a faca não foi usada. E agora? *Expresso*.
<https://expresso.pt/newsletters/expressomatinal/2024-10-24-duas-para-o-ar-duas-sobre-odair.-o-carro-nao-era-furtado-a-faca-nao-foi-usada.-e-agora--03082a5e>
- Prada, M., Camilo, C., Garrido, M. V., and Rodrigues, D. L. (2021). O diabo está nos pormenores: Introdução às normas para escrita científica da American Psychological Association (7ª Edição). *Revista Psicologia*, 35(1), 95-146
<https://doi.org/10.17575/psicologia.v35i1.1727>

- Ramos, M. R. and Alves, H. (2011). Adaptação de uma escala multidimensional de identificação para português. *Psicologia*, 25(2), 23-38.
- Ramos, M. R., Cassidy, C., Reicher, S. and Haslam, A. (2012). A longitudinal investigation of the rejection -identification hypothesis. *British Journal of Social Psychology*, 51(4), 642-660. DOI: [10.1111/j.2044-8309.2011.02029.x](https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.2011.02029.x)
- Reis, C. (2023). *O homem que via no escuro. A Lisboa de Bruno Candé*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Ribas, A. L. S. (2022). *Explaining the mental health consequences of internalized racism: the mediating roles of family resilience and collective action* [Tese de mestrado, de Ispa – Instituto Universitário]. Repositório do ISPA. <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/8990>
- Roldão, C. (2015). *Fatores e perfis de sucesso escolar "inesperado": Trajetos de contratendência de jovens das classes populares e de origem africana* (Tese de doutoramento). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Roldão, C., Pereira, J., A. and Varela, P. (2023). *Tribuna Negra: origens do movimento negro em Portugal (1911-1933)*. Tinta-da-China.
- Seabra, T. (Coord.), Roldão, C., Mateus, S., & Albuquerque, A. (2016). *Caminhos escolares de jovens africanos (PALOP) que acedem ao ensino superior*. Observatório para as Migrações.
- Schmitt, M. T., Branscombe, N. R, Postmes, T. and Garcia, A. (2014). The consequences of perceived discrimination for psychological well-being: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 140(4), 921-948. Doi: 10.1037/a0035754
- Sohi, K. K., and Singh, P. (2015). Collective action in response to microaggression: Implications for social well-being. *Springer Science+Business Media*. <https://doi.org/10.1007/s12124-015-9336-0>
- Stathi, S., Vezzali, L., Waldzus, S. and Hantzi A. (2019). The mobilizing and protective role of national identification in normative and non-normative collective action. *Journal of Applied Social Psychology*, 49(1), 596–608. <https://doi.org/10.1111/jasp.12619>
- Vala, J., Brito, R., Lopes, D. (2015) *Expressões dos Racismos em Portugal* (2ª ed.). Imprensa de Ciências Sociais.
- Vala, J., and Lopes, D. (2004). Percepção de discriminação e imagens da sociedade portuguesa em contexto intergrupar: o que os jovens' negros' pensam que os portugueses' brancos' pensam deles. *Estereótipos, Preconceitos e Discriminação, Baía, UFBA*, 183-208.

- Vala, J. (2021). *Racismo, hoje. Portugal em contexto europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Vandiver, B. J. (2020). Message From the Editor-in-Chief: Racism as Public Health Crisis. *Journal of Black Psychology*, 46(5), 347-350. DOI: 10.1177/0095798420956806
- Verkuyten, M. (1998). Perceived discrimination and self-esteem among ethnic minority adolescents. *The Journal of Social Psychology*, 138(4), 479-493.
<https://doi.org/10.1080/00224549809600402>
- Waddell, M. W., Wright, S. C., Waldzus, S. & Stebner, G. A. (2024). For the good of the party, for the good of the nation: Ingroup projection can motivate support for political violence. *Frontiers in Social Psychology*, 2(1), 1-18.
<https://doi.org/10.3389/frsps.2024.1347054>
- Williams, D. R., Haile, R., Mohammed, S. A, Herman, A., Stein, D. J., Sonnegg, J. and Jackson, J. S. (2012). Perceived Discrimination and Psychological Well-Being in the U.S. and South Africa. *Ethn Health*, 17(0), 111-133. doi:10.1080/13557858.2012.654770

ANEXO A

Questionário aplicado

Link: https://iscte.iul.co1.qualtrics.com/jfe/form/SV_88s9t3VF9CfHvSu



1. CONSENTIMENTO INFORMADO

Caro/a participante.

Agradecemos considerar participar deste estudo, que tem como objetivo analisar a sua perspetiva relativamente às relações racializadas em Portugal. No final do estudo apresentamos uma explicação mais detalhada dos objetivos e da literatura que lhe serviu de apoio.

O estudo decorre no âmbito da dissertação da aluna Alexandra Vanessa Guerra, do mestrado em Psicologia Social e Organizacional do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, sob orientação científica do Professor Dr. Ricardo Borges Rodrigues.

Participação

A sua participação é muito importante, e tem a duração, aproximada, de **10 minutos**. Os dados recolhidos são anónimos. A análise dos dados é realizada para o conjunto dos participantes e os resultados são utilizados para fins estritamente académicos.

Pedimos-lhe que leia com atenção as perguntas e que nos responda de forma espontânea e sincera - não existem respostas certas ou erradas.

Sorteio Vouchers

Ao concluir a sua participação no estudo pode, se assim o desejar, habilitar-se a ganhar um vale de 30 euros que será sorteado entre os participantes do estudo. Serão **sorteados 3 vales**, cada um no valor de **30 euros**. Para poder participar no sorteio deverá indicar no final do questionário o seu interesse e será remetido/a para outro questionário de recolha de dados pessoais que é independente do primeiro questionário, de modo a garantir o anonimato das suas respostas.

Contatos

Se tiver alguma dúvida, poderá entrar em contacto com Alexandra Vanessa Guerra (Alexandra_Vanessa_Guerra@iscte-iul.pt) ou Prof. Dr. Ricardo Rodrigues (Ricardo.Rodrigues@iscte-iul.pt).

Agradecemos a sua amável colaboração e o tempo que nos possa dispensar.

2. Étnia

Portugal é hoje uma sociedade com pessoas de diversas origens. Qual ou quais das seguintes opções considera que melhor descreve a sua pertença e/ou origem? (Pode assinalar todas as que considerar).

A definição dos termos abaixo foi desenvolvida e apresentada pelo Grupo de Trabalho dos Censos 2021 - Questões "Étnico-Raciais" (Grupo de Trabalho criado pelo Despacho n.º 7363/2018).

- ☐ A. Branco(a) /Português(esa) branco(a) /De origem europeia
- ☐ B. Negro(a)/Português(esa) Negro(a)/Afrodescendente/De origem africana
- ☐ C. Asiático(a)/Português(esa) de origem asiática/De origem asiática
- ☐ D. Cigano(a)/ Português(esa) cigano(a)/Roma/ De origem cigana
- ☐ E. Outro grupo. Qual?

3. Perceção de Discriminação Racial

Por favor, indique com que frequência algumas das situações listadas abaixo já aconteceram, por causa da sua etnia (Numa escala de 1 -"Nunca aconteceu" a 5 - "Aconteceu com muita frequência")?

Com que frequência...

ESCALA CORRETA:

Nunca aconteceu		Aconteceu algumas vezes		Aconteceu com muita frequência
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
☐	☐	☐	☐	☐

	1 - Nunca	3 - Às vezes	5 -Frequentemente
1. foi tratado/a injustamente por professores, diretores ou outros funcionários da escola?	☐	☐	☐
2. pensaram que você não poderia fazer as coisas ou lidar com um trabalho?	☐	☐	☐
3. ameaçaram magoá-lo/a (por exemplo, disseram que iriam bater-lhe)?	☐	☐	☐
4. realmente o/a magoaram ou tentaram magoá-lo (por exemplo, pontapear ou bater-lhe)?	☐	☐	☐
5. agentes da polícia ou seguranças foram injustos consigo?	☐	☐	☐
6. alguém ameaçou danificar sua propriedade?	☐	☐	☐
	1 - Nunca	3 - Às vezes	5 -Frequentemente
7. alguém realmente danificou a sua propriedade?	☐	☐	☐
8. lhe fizeram sentir como um(a) estranho que não se encaixa por causa da sua roupa, discurso, ou outras características relacionadas à sua etnia?	☐	☐	☐
9. foi tratado/a injustamente por colegas de trabalho ou de classe?	☐	☐	☐
	1 - Nunca	3 - Às vezes	5 -Frequentemente
10. insinuaram que você é desonesto/a ou não pode ser confiável?	☐	☐	☐
11. têm sido gentis na sua frente, mas disseram coisas más sobre você nas suas costas?	☐	☐	☐
12. pessoas que falam uma língua diferente fizeram-no sentir como um(a) estranho/a?	☐	☐	☐
	1 - Nunca	3 - Às vezes	5 -Frequentemente
13. ignoraram-no ou não prestaram atenção a você?	☐	☐	☐
14. o/a seu chefe ou supervisor(a) foi injusto/a com você?	☐	☐	☐
15. insinuaram que você não deve estar limpo/a	☐	☐	☐
16. as pessoas não confiam em você?	☐	☐	☐
17. tem sido insinuado que você deve ser preguiçoso/a?	☐	☐	☐
	1 - Nunca	3 - Às vezes	5 -Frequentemente

4. Identificação grupal

Pedimos por favor que reflita sobre ser Afrodescendente e responda entre 1 - *Discordo Totalmente* a 7 - *Concordo Totalmente*, de acordo com o seu grau de concordância

Q5

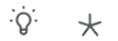


Acho que os afrodescendentes têm muito de que se orgulhar.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

[+ Add page break](#)

Q6



É agradável ser um(a) afrodescendente.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q7



Ser afrodescendente dá-me uma sensação agradável.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

[+ Add page break](#)

Q8



Estou contente por ser afrodescendente.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q9



Penso muitas vezes no fato de ser afrodescendente.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

 Page Break

Q10



Ser afrodescendente é uma parte importante da minha identidade.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q11



Ser afrodescendente é uma parte importante de como me vejo a mim mesmo.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

 + Add page break

Q12



Sinto uma ligação com os afrodescendentes.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q13



Sinto solidariedade para com os afrodescendentes.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q14



Sinto dedicação relativamente aos afrodescendentes.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q15



Tenho muito em comum com o afrodescendente típico.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q16



Sou parecido com o afrodescendente típico.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q17



Os afrodescendentes têm muitos pontos em comum entre si.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

+ Add page break

Q18



14. Os afrodescendentes são muito parecidos.

Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo totalmente (7)
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

5. Atitudes na ação coletiva

Fator 3: “Reflexão crítica: igualitarismo”

Considere, por favor, as afirmações seguintes, e responda utilizando a escala que varia entre 1 - "Discordo Totalmente" e 7 - "Concordo Totalmente".

É bom que certos grupos estejam no topo e que outros estejam no fundo.

Discordo
fortemente

(1)

☐

(2)

☐

(3)

☐

(4)

☐

(5)

☐

(6)

☐

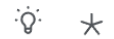
Concordo
fortemente

(7)

☐

+ Add page break

Q102



Seria bom se existisse igualdade entre os grupos.

Discordo
fortemente

(1)

☐

(2)

☐

(3)

☐

(4)

☐

(5)

☐

(6)

☐

Concordo
fortemente

(7)

☐

Q103



A igualdade entre os grupo deve ser o nosso ideal.

Discordo
fortemente

(1)

☐

(2)

☐

(3)

☐

(4)

☐

(5)

☐

(6)

☐

Concordo
fortemente

(7)

☐

+ Add page break

Q104



Todos os grupos devem ter as mesmas oportunidades na vida.

Discordo
fortemente

(1)

☐

(2)

☐

(3)

☐

(4)

☐

(5)

☐

(6)

☐

Concordo
fortemente

(7)

☐

Fator 2: “Ação Crítica: Participação Sócio-Política”

Considere, por favor, **as ações e comportamentos seguintes no contexto do combate ao racismo**.

Indique, por favor, qual a probabilidade de num futuro próximo realizar essas ações / comportamentos de **combate ao racismo**, numa escala que varia entre 0% (nada provável) e 100% (totalmente provável). Deverá indicar a sua resposta deslocando o marcador.

Indique, em que medida pretende, num futuro próximo,...





6. Satisfação com a vida - MEDIADORA

Considere, por favor, as afirmações seguintes, e responda utilizando a escala que varia entre 1 - "Discordo Totalmente" e 7 - "Concordo Totalmente".

	Discordo Totalmente (1)	Discordo (2)	Discordo parcialmente (3)	Nem concordo nem discordo (4)	Concordo parcialmente (5)	Concordo (6)	Concordo Totalmente (7)
1. Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se do meu ideal.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. As minhas condições de vida são excelentes.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Estou satisfeito com a minha vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

7. Questionário Sociodemográfico

Para terminar, gostaria que, por favor, respondesse a algumas questões de caracterização geral.

1. Por favor, indique onde nasceu:

Em Portugal

Fora de Portugal. Qual?

2. Indique por favor o seu gênero:

fem; masc; não binário, outro. Qual?

3. Idade?

4. Qual a sua escolaridade?

Ens Bas, Ens Sec, Licenciatura, Mestrado, Doutoramento, outro qual?

5. Qual a sua ocupação?

Estudante, trab/estu., emp. por conta própria, empregado por conta de outrem, reformado, desempregado, outra qual?

6. Nível socioeconómico

Pense que **esta escada representa a posição das pessoas na sociedade portuguesa, a escada tem 10 degraus.**

No **topo** da escada estão as pessoas que estão **na melhor situação**, aquelas que têm mais dinheiro, educação e melhores empregos.

No **fundo** da escada estão as pessoas que estão **em pior situação**, aquelas que têm menos dinheiro, educação, empregos ou nenhum emprego.



Qual o grau que melhor representa onde está na escada (1 - fundo da escada a 10 - topo da escada)?

8. Gostaria de deixar algum comentário e/ou sugestões aos investigadores?

Debriefing

Muito obrigado pela sua participação neste estudo.

Com a sua participação, contribuiu para o conhecimento científico no campo da Psicologia Social. Damos-lhe, em seguida, mais informações sobre os objetivos da nossa investigação.

No contexto da investigação realizada em Portugal, e procurando perceber melhor o Movimento Negro, Antirracista, foi nosso objetivo neste estudo analisar, em pessoas racializadas, Negras, Afrodescendentes, a relação entre a Perceção de Discriminação

Racial e a Satisfação com a Vida, e ainda o papel mediador da Identificação Grupal e da Atitude face à ação coletiva na relação entre estas variáveis.

A investigação mostra que os grupos a que pertencemos têm impacto na forma como nos posicionamos na sociedade (Leach et al., 2008), e que a identificação com os grupos minoritários, de pertença, oferece um efeito protetor contra os efeitos negativos da discriminação social, como a depressão e a autoestima negativa (Ramos et al., 2012).

Assim, nesta investigação pretendemos responder às seguintes questões:

- (1) Em que medida a perceção de discriminação racial se associa a uma maior predisposição para participar e desenvolver ações coletivas antirracistas?
- (2) Será que níveis mais elevados de discriminação racial percebida se associam a níveis inferiores de satisfação com a vida?
- (3) Até que ponto a identificação com o grupo inibe os efeitos negativos da discriminação racial percebida na satisfação com a vida e potencia o seu efeito na mobilização para a ação coletiva antirracista?

Caso pretenda obter mais informações relacionadas com esta temática, sugerimos que consulte:

1. Leach CW, van Zomeren M, Zebel S, Vliek ML, Pennekamp SF, Doosje B, Ouwerkerk JW, Spears R. Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *J Pers Soc Psychol.* 2008 Jul;95(1):144-65. doi: 10.1037/0022-3514.95.1.144. PMID: 18605857.
2. Ramos, M. R., Cassidy, C., Reicher, S. and Haslam, A. (2012). A longitudinal investigation of the rejection -identification hypothesis. *British Journal of Social Psychology*, 51(4), 642-660. DOI: [10.1111/j.2044-8309.2011.02029.x](https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.2011.02029.x)

Caso queira saber mais sobre o estudo e/ou tiver interesse em conhecer os resultados, poderá contactar-nos através do endereço: Alexandra_Vanessa_Guerra@iscte-iul.pt

Como referido anteriormente, existe um sorteio de 3 vouchers de 30 euros, do Lidl por favor indique abaixo se pretende participar neste sorteio.

ANEXO B

Questionário para sorteio dos vouchers Lidl

Por ter concluído a sua participação no estudo pode habilitar-se a ganhar um vale de 30 euros que será sorteado entre os participantes do estudo. Serão sorteados 3 vales LIDL, cada um no valor de 30 euros. Para participar no sorteio deverá indicar abaixo o seu nome e endereço de email. Como referido anteriormente, não é possível associar as suas respostas ao questionário anterior, como forma de assegurar o anonimato.

Obrigado.

Q3

Nome completo.

[+ Add page break](#)

Q14

Endereço de email.

Q15

Escreva, novamente, o endereço de email.

☐ Q16



Será informado/a brevemente para o seu endereço de email do resultado do sorteio. Agradecemos, mais uma vez, a sua participação!

Import from library

[+ Add new question](#)

[Add Block](#)

End of Survey

Agradecemos a sua participação neste inquérito e o tempo despendido.

A sua resposta foi registada.

ANEXO C

Tabelas de Resultados – Correlações – Output SPSS

Tabela 4.

Estatísticas Descritivas das variáveis do estudo

Estatísticas Descritivas

	Média	Desvio Padrão	N
Nível sócio económico	5,6848	1,58809	165
Indique a sua idade:	35,1455	8,81051	165
Satisfação com a vida	4,3139	1,15716	165
Auto-investimento	6,1744	,74800	165
Auto-definição	4,9061	1,27993	165
Perceção de discriminação racial	2,1947	,65654	165
Atitude face a ação coletiva - dimensão ação crítica	55,9724	27,99856	165

Tabela 5.

Correlações entre as Variáveis

Correlações^c

		Nível sócio económico	Indique a sua idade:	Satisfação com a vida	Auto-investimento	Auto-definição	Perceção de discriminação racial	Atitude face a ação coletiva - dimensão ação crítica
Nível sócio económico	Correlação de Pearson	1	,182*	,424**	-,022	-,080	-,115	,020
	Sig. (2 extremidades)		,020	<,001	,783	,308	,143	,803
Indique a sua idade:	Correlação de Pearson	,182*	1	,049	-,104	-,100	,035	,245**
	Sig. (2 extremidades)	,020		,535	,182	,203	,657	,002
Satisfação com a vida	Correlação de Pearson	,424**	,049	1	,221**	,084	-,125	-,011
	Sig. (2 extremidades)	<,001	,535		,004	,285	,111	,888
Auto-investimento	Correlação de Pearson	-,022	-,104	,221**	1	,500**	,072	,122
	Sig. (2 extremidades)	,783	,182	,004		<,001	,356	,118
Auto-definição	Correlação de Pearson	-,080	-,100	,084	,500**	1	,099	-,066
	Sig. (2 extremidades)	,308	,203	,285	<,001		,205	,398
Perceção de discriminação racial	Correlação de Pearson	-,115	,035	-,125	,072	,099	1	,290**
	Sig. (2 extremidades)	,143	,657	,111	,356	,205		<,001
Atitude face a ação coletiva - dimensão ação crítica	Correlação de Pearson	,020	,245**	-,011	,122	-,066	,290**	1
	Sig. (2 extremidades)	,803	,002	,888	,118	,398	<,001	

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

c. De Lista N=165

ANEXO D

Tabelas de Resultados de Mediação em Cadeia – output

Tabela 6.

Todas as tabelas com a Mediação com a Identificação Grupal Autoinvestimento

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.0

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D.
www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2022).
www.guilford.com/p/hayes3

Model : 6
Y : SatisVid
X : PDRac
M1 : AFACAça
M2 : IDAutoI

Covariates:
Q47_Ida Q44_NS_r

Sample
Size: 165

OUTCOME VARIABLE:
AFACAça

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p				

	,3735	,1395	687,1111	8,7021	3,0000
161,0000	,0000				

Model		coeff	se	t	p	
LLCI	ULCI					
constant	2,4406	12,6559	,1928	,8473	-	
22,5524	27,4335					
PDRac	12,0862	3,1434	3,8449	,0002		
5,8785	18,2939					
Q47_Ida	,7407	,2366	3,1301	,0021		
,2734	1,2080					
Q44_NS_r	,1715	1,3207	,1299	,8968	-	
2,4366	2,7797					

OUTCOME VARIABLE:

IDAUTOI

Model Summary					
	R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p				
	,1877	,0352	,5533	1,4609	4,0000
160,0000	,2166				

Model		coeff	se	t	p
LLCI	ULCI				
constant	6,2774	,3592	17,4775	,0000	
5,5681	6,9867				
PDRac	,0401	,0932	,4306	,6674	
-,1439	,2242				

AFACAça	,0039	,0022	1,7533	,0815	-
,0005	,0083				
Q47_Ida	-,0121	,0069	-1,7488	,0823	
-,0258	,0016				
Q44_NS_r	,0026	,0375	,0682	,9457	
-,0715	,0766				

OUTCOME VARIABLE:

SatisVid

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p				
	,4922	,2422	1,0466	10,1650	5,0000
159,0000	,0000				

Model

		coeff	se	t	p	
LLCI	ULCI					
constant		,6503	,8426	,7718	,4414	-
1,0138	2,3143					
PDRac		-,1532	,1283	-1,1947	,2340	
-,4066	,1001					
AFACAça		-,0010	,0031	-,3326	,7399	-
,0072	,0051					
IDAutoI		,3711	,1087	3,4128	,0008	
,1563	,5858					
Q47_Ida		,0009	,0096	,0924	,9265	
-,0181	,0199					
Q44_NS_r		,3053	,0515	5,9220	,0000	
,2035	,4071					

```

***** TOTAL EFFECT MODEL
*****

OUTCOME VARIABLE:

SatisVid

Model Summary

          R          R-sq          MSE          F          df1
df2          p
          ,4320          ,1866          1,1094          12,3137          3,0000
161,0000          ,0000

```

```

Model

          coeff          se          t          p
LLCI          ULCI
constant          2,9807          ,5085          5,8613          ,0000
1,9765          3,9850
PDRac          -,1332          ,1263          -1,0549          ,2931
-,3827          ,1162
Q47_Ida          -,0033          ,0095          -,3458          ,7299
-,0221          ,0155
Q44_NS_r          ,3063          ,0531          5,7715          ,0000
,2015          ,4111

```

```

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X
ON Y *****

```

```

Total effect of X on Y

          Effect          se          t          p          LLCI
ULCI
          -,1332          ,1263          -1,0549          ,2931          -,3827
,1162

```

```

Direct effect of X on Y

```

	Effect	se	t	p	LLCI
ULCI					
	-,1532	,1283	-1,1947	,2340	-,4066
,1001					

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
TOTAL	,0200	,0495	-,0776	,1169
Ind1	-,0125	,0391	-,0959	,0620
Ind2	,0149	,0340	-,0507	,0873
Ind3	,0176	,0136	-,0028	,0499

Indirect effect key:

Ind1 PDRac	->	AFACAça	->	SatisVid
Ind2 PDRac	->	IDAutoI	->	SatisVid
Ind3 PDRac	->	AFACAça	->	IDAutoI ->

SatisVid

Bootstrap estimates were saved to a file

Map of column names to model coefficients:

	Conseqnt	Antecdnt
COL1	AFACAça	constant
COL2	AFACAça	PDRac
COL3	AFACAça	Q47_Ida
COL4	AFACAça	Q44_NS_r
COL5	IDAutoI	constant
COL6	IDAutoI	PDRac
COL7	IDAutoI	AFACAça
COL8	IDAutoI	Q47_Ida
COL9	IDAutoI	Q44_NS_r
COL10	SatisVid	constant

COL11 SatisVid PDRac
 COL12 SatisVid AFACAça
 COL13 SatisVid IDAutoI
 COL14 SatisVid Q47_Ida
 COL15 SatisVid Q44_NS_r

***** BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL
 PARAMETERS *****

OUTCOME VARIABLE:

AFACAça

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	2,4406	2,2836	11,2520	-19,6794	24,5978
PDRac	12,0862	12,1881	3,1234	6,0440	18,4561
Q47_Ida	,7407	,7353	,2391	,2554	1,1996
Q44_NS_r	,1715	,1775	1,2280	-2,2359	2,5769

OUTCOME VARIABLE:

IDAutoI

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	6,2774	6,2788	,3803	5,5215	7,0273
PDRac	,0401	,0361	,0859	-,1371	,2016

AFACAça	,0039	,0040	,0024	-,0007
,0087				
Q47_Ida	-,0121	-,0120	,0076	-,0272
,0025				
Q44_NS_r	,0026	,0025	,0364	-,0693
,0747				

OUTCOME VARIABLE:

SatisVid

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI	BootULCI
constant	,6503	,6284	,8048	-,9452	2,2087
PDRac	-,1532	-,1539	,1377	-,4176	,1241
AFACAça	-,0010	-,0010	,0031	-,0070	,0049
IDAutoI	,3711	,3750	,1103	,1610	,5934
Q47_Ida	,0009	,0008	,0103	-,0199	,0208
Q44_NS_r	,3053	,3052	,0649	,1759	,4289

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS

Level of confidence for all confidence intervals in
output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap
confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----

Tabela 7.

Todas as tabelas da Mediação com a Identificação Grupal Autodefinição – output

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.0

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D.
www.afhayes.com

Documentation available in Hayes (2022).
www.guilford.com/p/hayes3

Model : 6
Y : SatisVid
X : PDRac
M1 : AFACAça
M2 : IDautoD

Covariates:
Q47_Ida Q44_NS_r

Sample
Size: 165

```
*****
*****
```

OUTCOME VARIABLE:

AFACAça

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p				
	,3735	,1395	687,1111	8,7021	3,0000
161,0000	,0000				

Model

		coeff	se	t	p	
LLCI	ULCI					
constant		2,4406	12,6559	,1928	,8473	-
22,5524	27,4335					
PDRac		12,0862	3,1434	3,8449	,0002	
5,8785	18,2939					
Q47_Ida		,7407	,2366	3,1301	,0021	
,2734	1,2080					
Q44_NS_r		,1715	1,3207	,1299	,8968	-
2,4366	2,7797					

```
*****
*****
```

OUTCOME VARIABLE:

IDautoD

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p				
	,1697	,0288	1,6308	1,1867	4,0000
160,0000	,3187				

Model		coeff	se	t	p	
LLCI	ULCI					
constant	5,2172	,6166	8,4607	,0000		
3,9994	6,4350					
PDRac	,2335	,1600	1,4593	,1464		
-,0825	,5495					
AFACAça	-,0037	,0038	-,9738	,3316	-	
,0113	,0038					
Q47_Ida	-,0108	,0119	-,9116	,3633		
-,0343	,0126					
Q44_NS_r	-,0411	,0643	-,6394	,5235		
-,1682	,0859					

OUTCOME VARIABLE:

SatisVid

Model Summary		R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p					
	,4498	,2023	1,1018	8,0638	5,0000	
159,0000	,0000					

Model		coeff	se	t	p	
LLCI	ULCI					
constant	2,3825	,6098	3,9073	,0001		
1,1782	3,5868					
PDRac	-,1651	,1324	-1,2468	,2143		
-,4266	,0964					
AFACAça	,0009	,0032	,2686	,7886	-	
,0054	,0071					

IDautoD	,1145	,0650	1,7615	,0801
-,0139	,2428			
Q47_Ida	-,0024	,0098	-,2414	,8096
-,0217	,0170			
Q44_NS_r	,3109	,0530	5,8714	,0000
,2063	,4155			

***** TOTAL EFFECT MODEL

OUTCOME VARIABLE:

SatisVid

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1
df2	p				
	,4320	,1866	1,1094	12,3137	3,0000
161,0000	,0000				

Model

	coeff	se	t	p
LLCI	ULCI			
constant	2,9807	,5085	5,8613	,0000
1,9765	3,9850			
PDRac	-,1332	,1263	-1,0549	,2931
-,3827	,1162			
Q47_Ida	-,0033	,0095	-,3458	,7299
-,0221	,0155			
Q44_NS_r	,3063	,0531	5,7715	,0000
,2015	,4111			

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X
ON Y *****

Total effect of X on Y

	Effect	se	t	p	LLCI
ULCI					
	-,1332	,1263	-1,0549	,2931	-,3827
	,1162				

Direct effect of X on Y

	Effect	se	t	p	LLCI
ULCI					
	-,1651	,1324	-1,2468	,2143	-,4266
	,0964				

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
TOTAL	,0318	,0452	-,0591	,1238
Ind1	,0103	,0392	-,0696	,0906
Ind2	,0267	,0250	-,0107	,0864
Ind3	-,0052	,0073	-,0241	,0048

Indirect effect key:

Ind1	PDRac	->	AFACAça	->	SatisVid
Ind2	PDRac	->	IDautoD	->	SatisVid
Ind3	PDRac	->	AFACAça	->	IDautoD
				->	SatisVid

Bootstrap estimates were saved to a file

Map of column names to model coefficients:

	Conseqnt	Antecdnt
COL1	AFACAça	constant
COL2	AFACAça	PDRac
COL3	AFACAça	Q47_Ida
COL4	AFACAça	Q44_NS_r

COL5	IDautoD	constant
COL6	IDautoD	PDRac
COL7	IDautoD	AFACAça
COL8	IDautoD	Q47_Ida
COL9	IDautoD	Q44_NS_r
COL10	SatisVid	constant
COL11	SatisVid	PDRac
COL12	SatisVid	AFACAça
COL13	SatisVid	IDautoD
COL14	SatisVid	Q47_Ida
COL15	SatisVid	Q44_NS_r

***** BOOTSTRAP RESULTS FOR REGRESSION MODEL
PARAMETERS *****

OUTCOME VARIABLE:

AFACAça

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI
BootULCI				
constant	2,4406	2,7764	11,5689	-19,6831
26,2273				
PDRac	12,0862	12,0632	3,0621	5,9693
18,0230				
Q47_Ida	,7407	,7375	,2365	,2581
1,1890				
Q44_NS_r	,1715	,1415	1,2348	-2,2736
2,5530				

OUTCOME VARIABLE:

IDautoD

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI
BootULCI				
constant	5,2172	5,2540	,6643	3,9864
6,5737				
PDRac	,2335	,2203	,1498	-,0721
,5193				
AFACAça	-,0037	-,0038	,0038	-,0113
,0037				
Q47_Ida	-,0108	-,0106	,0119	-,0335
,0133				
Q44_NS_r	-,0411	-,0434	,0739	-,1890
,1016				

OUTCOME VARIABLE:

SatisVid

	Coeff	BootMean	BootSE	BootLLCI
BootULCI				
constant	2,3825	2,3586	,6787	1,0840
3,7393				
PDRac	-,1651	-,1674	,1403	-,4421
,1132				
AFACAça	,0009	,0010	,0031	-,0053
,0070				
IDautoD	,1145	,1173	,0696	-,0144
,2569				
Q47_Ida	-,0024	-,0022	,0104	-,0233
,0172				
Q44_NS_r	,3109	,3115	,0692	,1701
,4392				

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----

ANEXO E

Tabela 8.

ES indexes and their values for small, medium and larges Effects

Test	ES index	Effect size		
		Small	Medium	Large
1. m_A vs. m_B for independent means	$d = \frac{m_A - m_B}{\sigma}$	.20	.50	.80
2. Significance of product-moment r	r	.10	.30	.50
3. r_A vs. r_B for independent rs	$q = z_A - z_B$ where z = Fisher's z	.10	.30	.50
4. $P = .5$ and the sign test	$g = P - .50$	.05	.15	.25
5. P_A vs. P_B for independent proportions	$h = \phi_A - \phi_B$ where ϕ = arcsine transformation	.20	.50	.80
6. Chi-square for goodness of fit and contingency	$w = \sqrt{\sum_{i=1}^k \frac{(P_{1i} - P_{0i})^2}{P_{0i}}}$	.10	.30	.50
7. One-way analysis of variance	$f = \frac{\sigma_m}{\sigma}$	.10	.25	.40
8. Multiple and multiple partial correlation	$f^2 = \frac{R^2}{1 - R^2}$	.02	.15	.35

Note. ES = population effect size.

